

## A vida dos outros

Em expansão desde os anos 1990 no Brasil, a biografia se firma como gênero popular no momento em que o Congresso Nacional discute a divulgação de livros sobre personalidades públicas



Flausi-Flausi,  
conto inédito  
de Dalton  
Trevisan

*cypis*

## EDITORIAL

Nas listas de mais vendidos, as biografias costumam ocupar lugar de destaque. Escritores, políticos, cantores, atores e religiosos são fontes inesgotáveis de livros que se baseiam em trajetórias que, de alguma forma, interessam aos leitores. Desde os meados dos anos 1990, o gênero aqueceu o mercado editorial brasileiro, que viu nas biografias um ótimo filão para aumentar seus lucros. A vida dos outros, como se tem verificado, além de boas obras, rende dinheiro.

Talvez por conta desse aquecimento das biografias em uma cena de pouca tradição no gênero, os processos contra biógrafos e editoras se proliferaram. O caso da biografia de Roberto Carlos, escrita por Paulo César de Araújo, recolhida pelo cantor a mando da justiça se tornou célebre e suscitou debates sobre livros que retratam a vida de pessoas públicas.

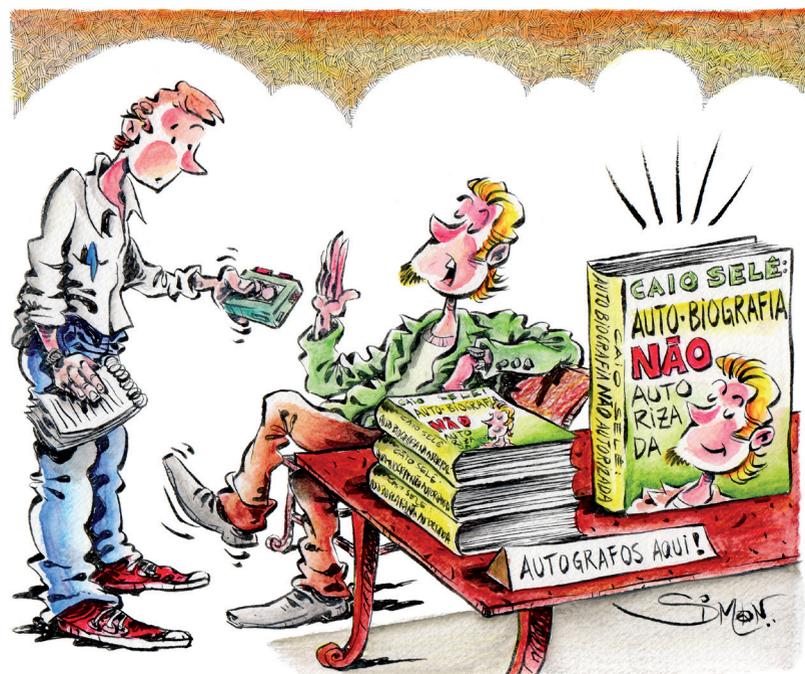
Esses temas são debatidos nesta edição do **Cândido**, que ouviu especialistas para falar da ascensão das biografias, do modo de criação dos biógrafos e da trajetória do gênero no Brasil no último século. No entanto, uma biografia nunca dá conta de toda uma vida, alerta o professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) Alexandre de Sá Avelar. Hoje, há duas vertentes no mercado editorial brasileiro: a de biografias feitas por jornalistas, que são mais agradáveis de se ler, e as de estilo mais acadêmico, que procuram traduzir para não especialistas conteúdos mais densos, o que nem sempre resulta em textos fluentes. A observação é da docente da Universidade de São Paulo (USP) Angela Alonso, autora da biografia *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas*.

Além do dossiê sobre as biografias, a edição traz história inédita de Dalton Trevisan. Um dos maiores escritores na língua portuguesa, o curitibano aparece com o conto "Flausi-Flausi", inspirado na vida da escritora Katherine Mansfield. Outro paranaense, Rodrigo Garcia Lopes, concede entrevista sobre seus novos trabalhos, o CD *Canções do estúdio realidade* e a coletânea de poemas *Estúdio realidade*.

Boa leitura.

## CARTUM

SIMON TAYLOR



-Decidi eliminar os atravessadores, sacumé?

## BIBLIOTECA AFETIVA

No fim da adolescência, momento natural para fazer descobertas de toda natureza, trombei com autores brasileiros cujas obras contribuíam para entender melhor o país, que ainda vivia sob a ditadura civil-militar de 1964. E, entre tantos livros que marcaram aquele meu período de formação como leitor, destaco o encontro com *Quarup*, de Antonio Callado. Ainda hoje me lembro de retardar a leitura para atrasar a chegada ao fim do romance, e da emoção de ler e reler os últimos parágrafos. Era um bocado de Brasil que se descortinava na jornada de Nando e dos outros personagens, mas era também a apresentação a um autor que se tornaria muito querido (e de quem logo na sequência fui ler *Sempre viva*). *Quarup* me ajudou a descobrir que a literatura, além de oferecer uma experiência de caráter estético, poderia ter alcance sociopolítico.

**Sérgio Rizzo** é jornalista e professor. Vive em São Paulo (SP).



Aos 17 anos, dois problemas se misturavam na minha cabeça: a verdade do universo e a faculdade de engenharia mecânica. Além de reclamar, como propunha Raul Seixas, resolvi ler *Contato*, de Carl Sagan. A história da cientista Ellie Arroway, que encontra evidências de vida inteligente extraterrestre e comanda uma missão para estabelecer contato com os alienígenas, ajudou a colocar em ordem algumas das minhas ideias de adolescente. É claro que percebo isso agora, em retrospecto; na época, eu tinha apenas lido um baita livro de ficção científica. Sagan foi uma espécie de iluminista do século XX, um dos maiores divulgadores da ciência por quase três décadas, e juntava ali naquela trama matemática, física, romance, cosmologia e suspense. Sua obra serviu para consolidar minha fé na razão e, em certa medida, me motivou a largar a engenharia e partir para o jornalismo (pois é, talvez a razão não tenha levado a melhor nessa mudança).

**João Paulo Pimentel** é jornalista. Vive em Curitiba (PR).



## EXPEDIENTE

## CÂNDIDO

**Cândido** é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

## Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

## Redação:

Marcio Renato dos Santos, Melissa Saldanha, Omar Godoy, Thais Oliveira e Tatjana Garcia.

## Fotografia:

Kraw Penas

## Projeto gráfico e diagramação:

Versão Design

## Colaboradores desta edição:

Gaeto Melo, Cláudio Portella, Dalton Trevisan, Fabiana Vieira, Henrique Rodrigues, Iuri de Sá, Marcelo Cipis, Márcio Reineken, Murilo Basso, Simon Taylor e Tiago Lacerda.

## Contato:

imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

www.candido.bpp.pr.gov.br / www.bpp.pr.gov.br

## BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba - PR  
Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h  
Sábado: 8h30 às 13h Contato: (41) 3221-4900

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

## CURTAS DA BPP

## Arnaldo Branco ministra oficina de cartum

Arnaldo Branco é o segundo convidado da Oficina BPP de Ilustração em 2013. Entre 18 e 20 de junho, Branco ministra curso sobre cartum. As inscrições são gratuitas e vão até 10 de junho. Os interessados devem encaminhar para o e-mail [oficina@bpp.pr.gov.br](mailto:oficina@bpp.pr.gov.br) um cartum no formato de 72dpi. Durante o curso, o criador dos personagens Capitão Presença e da tirinha Mundinho Animal abordará questões sobre o desenho humorístico. Até dezembro, outras três oficinas acontecem: Caricatura (Ramon Muniz), Roteiro de Quadrinhos (Rafael Coutinho) e Charge (Ademir Paixão).



Divulgação

## Bóing #2

A BPP lança em junho a segunda edição da revista em quadrinhos *Bóing*. O gibi é resultado do trabalho de crianças e adolescentes de 6 a 15 anos, alunos do curso de HQ promovido pela Seção Infantil, que desenvolveram as histórias e os personagens, coordenados pelo professor Rodrigo Belato. Desde 2012, o Curso de HQ busca estreitar a relação do público infantojuvenil com a arte e a literatura, unindo imagem e palavra.



## Uma noite na Biblioteca

Estão abertas as inscrições para o projeto “Uma Noite na Biblioteca”, que acontece no dia 14 de julho. Como o nome sugere, o projeto leva crianças, de 7 a 13 anos, para um divertido “acampamento” dentro da BPP. As atividades iniciam às 18h e acabam somente na manhã do dia seguinte. O projeto

“Uma Noite na Biblioteca” busca propiciar às crianças maior contato com o universo dos livros, mostrando que a biblioteca também é um lugar agradável e prazeroso. As inscrições são feitas presencialmente, na Seção Infantil da BPP. Outras informações pelo número: (41) 3321- 2980.



## Notas da Província

### Venturelli vence prêmio da FNLIJ

O catarinense radicado em Curitiba Paulo Venturelli venceu o prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil com *Visita à baleia*. O livro, ilustrado por Nelson Cruz, foi escolhido como melhor livro para crianças de 2012. Escritor há mais de 30 anos, Venturelli é autor de outras obras infantojuvenis, entre elas *O anjo rouco* (1994) e *No vale dos sentidos* (1999). Também realizou adaptações de clássicos de Goethe, Rimbaud e Clarice Lispector para o teatro.

### Livro de Cristóvão Tezza é encenado no Teatro Caixa

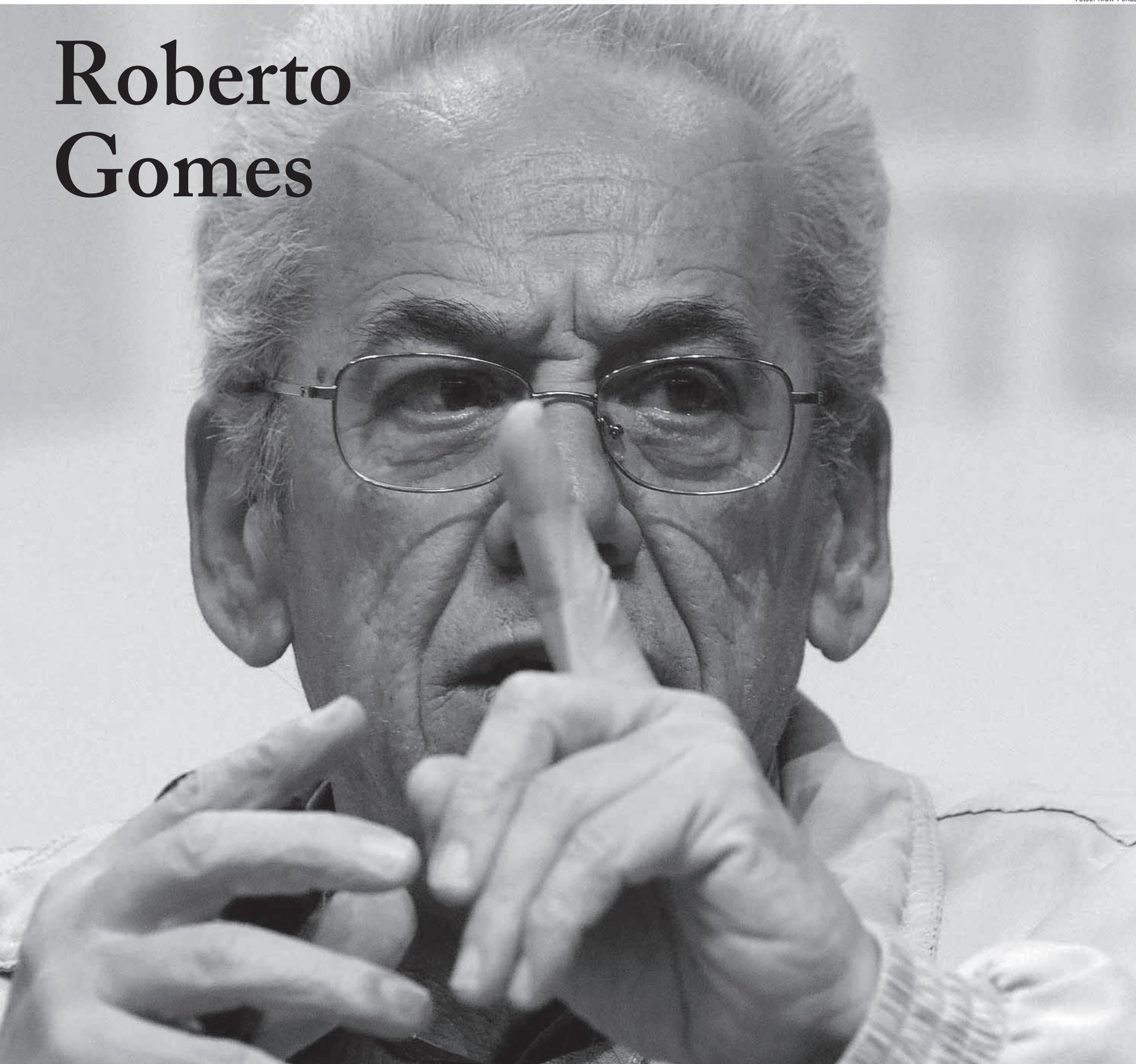
*O filho eterno*, *best-seller* de Cristóvão Tezza foi adaptado para o teatro. Nos dias 14, 15, 16, 21, 22 e 23 de junho a peça será encenada no Teatro da Caixa Cultural. A obra de Tezza, lançada em 2007, rendeu ao autor diversos prêmios, como o Jabuti (2008) e Portugal Telecom (2008). No romance, Tezza narra a luta de um pai para lidar com as limitações e desafios do filho com síndrome de down em uma Curitiba dos anos 1980, época em que o país ainda sofria com os efeitos da ditadura militar. Os ingressos estarão à venda a partir do dia 11 de junho, na bilheteria do teatro, e custam R\$ 10 e R\$ 5.



# UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Fotos: Kraw Penas

# Roberto Gomes



As palavras, desde cedo, estiveram no caminho de Roberto Gomes. Filho de jornalista, brincava entre os linotipos que imprimiam o jornal editado pelo pai em Blumenau (SC). A partir daí, tornou-se um leitor de literatura pelas mãos de Mark Twain e seu *As aventuras de Tom Sawyer*. “O livro continha algum vírus”, disse Gomes no segundo encontro do projeto “Um Escritor na Biblioteca” em 2013.

Gomes estreou no mercado de livros em 1974 com uma obra de filosofia, *Crítica da razão tupiniquim*, mas se considera um ficcionista, o que — de fato — é. Seu mais recente romance, *O conhecimento de Anatol Kraft* (2011), chama a atenção pela linguagem elaborada e pela prosa que apresenta raro senso de humor, elemento com o qual contrapõe a desilusão de um personagem no final da existência diante da energia de um jovem que ainda tem um longo caminho a percorrer. “Tudo que escrevo tem esse traço de humor. É espontâneo ao escrever. Quando falo, sou um sujeito aborrecido como todo mundo.” Ele admite que se formou leitor e escritor lendo revistas e jornais e, há alguns anos, também tem as suas crônicas veiculadas, a cada 15 dias, nas páginas da *Gazeta do Povo*. Gomes também é autor dos romances *Os dias do demônio* (2001) e *Júlia* (2008) e está à frente da Criar Edições, selo que viabilizou obras de Paulo Leminski, Jamil Snege, Alice Ruiz, entre outros.

### Influência do pai

Quando vocês me propuseram esse tema, comecei a lembrar das minhas leituras, de onde tudo isso veio, o motivo de eu ter me interessado por literatura, porque faço isso até hoje e etc. Mas a primeira lembrança, na verdade, não era de livro. A primeira lembrança, a mais remota, é de quando eu tinha cinco anos, talvez. Meu pai era jornalista e morávamos em uma casa na beira do rio, em Blumenau. Morávamos na parte de trás e, em frente, funcionavam as oficinas do jornal. Quer dizer, a oficina ficava no meu quintal. Era onde eu brincava. Então vivia ali o tempo todo, no meio de papel, tinta, chumbo empilhado pelos cantos. Comecei a lembrar, que é uma coisa inclusive que eu já escrevi no romance *Todas as casas*, daquele espetáculo de máquinas, aquelas impressoras que faziam uma barulheira o dia inteiro.

### Linotipo

Lembro do meu pai — que era jornalista, diretor do jornal, era tudo, fazia até horóscopo — em uma saleta ao lado, sentado em frente a uma máquina Remington, daquelas pretinhas, datilografando com dois dedos só, ligeiro que era uma barbaridade. Achava fascinante aquilo. Naturalmente, com cinco anos não sabia ler, mas sabia que dali que saiam os jornais. Ele levantava com a lauda datilográfada, dava para o Nelson, que era o linotipista, um agregado da família, e o texto então ia para o linotipo. Quando terminava uma linha, ele levantava uma alavanca e, a cada linha, ele tinha que ajustar uma por uma, para dar o espaço certo. Aquilo se fundia em uma linha de chumbo, com um tamborzinho do lado, que ficava sempre fervendo. Era uma coisa meio dantesca, aquele cheiro de chumbo, aquela fumaça. Isso é tudo muito interessante porque, para mim, essa é minha grande entrada no universo da escrita, no universo do jornal, no universo do texto, através

do trabalho do meu pai, do linotipista.

### Livros

Depois da experiência na oficina do jornal de meu pai, a lembrança mais forte que tenho relacionada aos livros remete ao primeiro ano do primário, quando eu tinha seis anos e consegui uma proeza que nunca mais repeti na vida: passei com nota dez em todas as matérias. Eu gostava muito da professora, já era apaixonado por ela e, então, tirei nota dez em tudo. Só que junto comigo, uma menina também tirou nota dez, então ficamos empatados em primeiro lugar e, na festa de fim de ano, nos deram um livro de presente como prêmio. E esse livro me marcou, tenho ele na memória até hoje. Era desses livros que, quando se abre, ele arma um cenário. Quando eu vi aquele negócio, fiquei muito impressionado, pois tinha castelo, princesa, cavalo, etc. Além do texto, claro. É uma lembrança muito agradável. Esse livro eu perdi, infelizmente. Mas ele me deixou uma sensação. É uma coisa que se você olha de longe, ele fechado, parece um tijolinho, quando você abre, entra em contato com uma outra coisa. Você abre um mundo novo, uma outra porta, outra janela, algumas coisas que te despertam para um outro universo. Então, essa mágica do livro, quer dizer, essa mágica de colocar um cenário de pé, armar esse cenário na sua frente, e estimular sua fantasia, foi o que ficou da experiência desse primeiro livro, que era muito bonito, colorido, capa azul. Anos depois, indo em um ônibus lotado para o bairro curitibano Água Verde, eu olhei e, de repente, vi uma alemãzinha, meio sardenta lá atrás, era a menina que ganhou o livro junto comigo. Mas eu, que ainda sou tímido hoje em dia, era morbidamente tímido naquela época e não consegui falar com ela. E menina desceu e eu fiquei apenas na vontade de perguntar se ela ainda tinha o livro.

# UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

“Ninguém escolhe ser escritor. Acho que não existe essa escolha. Agora, se eu não tivesse sido bem-sucedido como escritor, não sei se teria outra alternativa.”

## Revistas

Não foi somente a gráfica e a oficina que me influenciaram, mas também o jornal e a revista. Meu pai era jornalista e sempre levava revistas para casa. De início, levava a revista *Careta*, que era um periódico sensacional de sátira política, que foi publicado por muitos anos com extraordinários caricaturistas, como J. Carlos e vários outros desenhistas fantásticos. Depois houve um período de uma época de grandes revistas, como a *Cruzeiro* e *Manchete*. Na *Cruzeiro* tinha a Raquel de Queiroz escrevendo a última página, tinha o Joel Silveira, repórter extraordinário, com um texto magnífico, o próprio Assis Chateaubriand, que era um fantástico escritor. E, mais adiante, a revista *Manchete*, que me lembro quando meu tio Gersino chegou apresentado-a: “Veja a revista nova que saiu, que coisa maravilhosa que é”. E nessa revista, minha geração conheceu escritores ótimos. Nela escreviam Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. Então nós tínhamos toda semana uma leva de bons textos, de textos inteligentes, e aquilo foi uma vida de universidade para meus estudos, tanto de conhecimento de literatura, de poesia, de política, quanto de uma ideia de jornalismo. As revistas tiveram, para mim, uma importância muito forte.

## Educação pela pedra

Acho que se vende no mundo de hoje a ideia de que tudo tem que ser fácil. Você tem que educar fácil, você tem

que entender fácil, você tem que explicar facilmente, você tem que, imediatamente, entender tudo o que foi feito. Isso é uma fábula. Na verdade, aprender qualquer coisa, seja lá o que for, de um ponto de vista mais complexo, é uma coisa demorada, é uma arte que precisa ser cultivada, que precisa ser desenvolvida. Então, você dizer para um criança ou um jovem, leia Machado de Assis, ler é fácil, é só pegar e ler, é uma mentira. Não é fácil não. Acho que exige toda uma preparação, a pessoa tem que saber o que é aquilo, ao que se refere, o que aquele autor, naquela época, naquele momento, com aquela linguagem, está querendo dizer. Quer dizer, você tem que apurar esse senso de leitura. Depois, digamos, pode até ficar fácil. Lembro sempre de um filme, um documentário que vi na televisão francesa, sobre um japonês que fazia pintura de letras, um caligrafista. Achei interessantíssimo porque falavam dele, contaram algo da vida e suas atividades, até o mostrarem em seu lugar de trabalho, seu ateliê. Ele entrou no estúdio e preparou todo seu trabalho sem dar bola para ninguém, sem olhar para câmera e coisa e tal. Sentou-se e esperou. Em pouquíssimo tempo pingou seu pincel no nanquim, escreveu rapidamente e terminou, como se fosse fácil, extremamente fácil. Para quem fez aquilo a vida inteira, quer dizer, quem desenvolveu aquela técnica a vida inteira, quem se aprofundou naquilo a vida inteira, fica facilímo. Então, a ideia é mais ou

menos essa, quer dizer, acho que a leitura não é uma coisa fácil, não se deve vender a ideia da facilidade.

## Humor

O primeiro livro que realmente me abriu a mente efetivamente, foi dado pelo meu irmão, Orlando, de aniversário. Levei, de início, um susto. Tinha apenas 12 anos e achei aquele livro meio grosso, tinha umas 300 páginas. O livro era *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain. E meu irmão acertou na mosca, era aquele livro que eu precisava ler naquele momento. Vivíamos ali em Blumenau em um trecho da Rua Paraíba, tínhamos uma verdadeira gangue de gurizadas de 12, 13 e 14 anos. Mandávamos e desmandávamos ali, tomávamos banho de rio, jogávamos futebol, etc. Esse também era o universo do Tom Sawyer. O extraordinário Mark Twain é, especialmente, um humorista. Ele é um grande humorista, que sabe tirar graça de muitas coisas. E o humor é uma coisa espontânea, ele aparece. Como disse anteriormente, sou morbidamente tímido, mas na hora de escrever consigo ser diferente. E esse é o segredo de se poder escrever, não é saber regra gramatical, não é saber teoria da literatura, não é saber história da literatura, é você soltar os cachorros. Você tem que colocar para fora o que tem dentro de você, com sentimentos, com pensamentos, com contradições. Esse é o segredo. Então, na hora em que você vai escrever, não tem essas inibições, muito menos essa timidez, então sai uma quantidade de coisas de humor. Os meus livros têm isso. Meu romance *Alegres memórias de um cadáver* é uma sátira política do período de ditadura no Brasil, que se passa em uma universidade. *O conhecimento de Anatol Kraft*, meu mais recente livro, é todo uma sátira à formação dos intelectuais brasileiros, de uma certa intelectualidade brasileira, de um certo modo de encarar a literatura e a política no Brasil.



“Então você precisa pregar uma mentira. Pode-se dizer que é uma irresponsabilidade total de quem escreve? O interessante da literatura é esse truque, você prega uma mentira porque precisa dela para revelar uma verdade.”

#### **Grandes derrotas**

O Brasil tem essa coisa meio mórbida pelo fracasso. Se gosta muito de noticiar o fracasso, e se desconfia do sucesso, do êxito. Não digo esse sucesso de celebridades. O Tom Jobim tem uma frase que é mais ou menos assim: “O Brasil odeia o sucesso”. Tanto que na história do Brasil, não querendo ser mórbido ou aborrecer vocês, temos a tradição dos grandes mortos e dos grandes enterros, que são cultuados como se fossem acontecimentos na-

cionais. Lembro que a minha mãe sofria, anos depois, com a morte do cantor Chico Alves. Depois, as outras mortes que aconteceram, Getúlio, Tancredo, Elis Regina, Ayrton Senna. O Brasil tem essa busca mórbida pelas grandes derrotas, mas isso não deveria desviar nossa atenção para uma série de êxitos, de realizações, onde se obteve o que se queria. Então, o que o Anatol está contando, novamente ele, não eu, é que é preciso dar uma certa calibrada nessa concentração do fracasso.

# UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

## Mentira literária

O escritor é um mentiroso, antes de mais nada. Muitas vezes as pessoas reagem: “Mas como assim, está mentindo? Que história é essa?”. Mas, vejam, o sujeito conta uma história e publica um livro, que na verdade são pensamentos e reflexões de um sujeito que já morreu. Como é que pode o escritor reescrever aquele livro? Mas Machado de Assis fez isso. Aí o outro escreve que quando o encanador vinha na casa da vó dele, a casa se enchia de borboletas amarelas. O que tem a ver o encanador com a borboleta amarela? Mas o Gabriel García Márquez fez isso. Então a história da literatura é uma história de múltiplas mentiras. Às vezes exigem da literatura que ela seja verdadeira. Eu, por exemplo, escrevi um livro chamado *Os dias do demônio*, que se baseia em uma larga pesquisa histórica sobre o que aconteceu no Sudoeste do Paraná na década de 1950, que foi a revolta armada dos colonos, o único levante de colonos que saiu vitorioso no Brasil, e ninguém fala nela. Fala-se em Canudos, onde houve a derrota. Somente se fala das derrotas. Mas, nesse livro, eu tenho dados, situações e personagens históricos que transformo em romance. Um dia me telefonou um jornalista de Francisco Beltrão e diz: “Escuta, Roberto, o teu livro tem um erro. Você diz que o personagem Pedrinho Barbeiro se encontrou com fulano de tal no Verê, porém esse encontro se deu no Barracão”. Porém, no meu romance, foi no Verê e continuará sendo. Então você precisa pregar uma mentira. Pode-se dizer que é então uma irresponsabilidade total de quem escreve? O interessante da literatura é esse truque, você prega uma mentira porque precisa dela para revelar uma verdade. Você cria um defunto que conta a própria história para falar sobre a morte, o sofrimento, o desaparecimento, a ignorância nossa em relação à vida. Você precisa dessa mentira para poder falar a verdade. En-



tão, todas aquelas fantasias que o García Márquez coloca no *Cem anos de solidão*, por exemplo, toda aquela série de personagens meio fantásticos, alegorias, meio absurdos, que fogem do padrão normal, na verdade aquilo é para poder dizer uma verdade. Ou, como dizia o Fernando Pessoa, a série que todo mundo repete: “O poeta é um fingidor, que finge tão completamente, que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente”.

### Influências

Minhas principais influências são os livros que li de início. Esses livros de formação têm um impacto muito grande. Como eu disse há pouco, Mark Twain é um autor fantástico, que teve uma influência muito grande. A questão do humor, do modo de desenvolver a trama, as peripécias da história, o impacto emocional daquilo. Depois tive outros livros que foram decisivos, um deles, que não é um livro magnífico, mas para mim, naquele momento, foi sensacional. Trata-se de *Olhai os lírios do campo*, do Erico Verissimo, que li aos 16 anos. Outro autor muito importante foi o Fernando Sabino, não só as crônicas, que eu li muito, semanalmente, na *Manchete*, mas também *O encontro marcado*. Esse romance é uma obra-prima, um livro extraordinário. Para mim, caiu na hora certa. Lia aquilo apaixonadamente, sabia-o de cor, porque eu tinha um amigo chamado Érico e nós dois tínhamos lido o livro no mesmo momento. Fazíamos uma brincadeira de dizer um trecho do livro para o outro completar. Esse livro é extraordinário. Outro escritor importante para mim — filosoficamente também — foi o Sartre. Li a trilogia “Os caminhos da liberdade”, na qual ele coloca discussões filosóficas no meio da história.

### Dalton Trevisan

São muitas influências. Agora, eu acho que a mais decisiva é o Dalton Trevisan. Isso não quer dizer que vocês vão

“Aprender qualquer coisa, seja lá o que for, de um ponto de vista mais complexo, é uma coisa demorada, é uma arte que precisa ser cultivada, que precisa ser desenvolvida. Então, você dizer para um criança ou um jovem, leia Machado de Assis, ler é fácil, é só pegar e ler, é uma mentira.”

encontrar Dalton Trevisan no que eu escrevo, não tem nada a ver com isso. Mas, é que quando eu cheguei em Curitiba, vindo de Blumenau, pensei que estava em Nova York. Aqui tinham várias livrarias, esta Biblioteca, tinham bares e lugares onde as pessoas ficavam batendo papo, falando mal da vida dos outros na Boca Maldita. Enfim, fiquei surpreso ao chegar a Curitiba. Naquela época, o Dalton ainda parava na Boca Maldita, imprimia os livretinhos em formato de cordel. O Dalton é um grande marqueteiro. Ele chegava, naquela época, e colocava no bolso das pessoas o folhetinho, dizendo: “Está aqui meu conto, acabei de publicá-lo”. O Dalton fazia isso. Quando ele ganhou o Prêmio Paraná [em 1968], tive a sorte de ir lá vê-lo de terno e gravata recebendo um prêmio — e falando em público. Um negócio inédito. Nunca ninguém viu isso na vida. Eu fui lá e vi esse tipo de coisa. Acho que ele foi muito importante, não só para mim, mas para todo um grupo de escritores que escreve até hoje em Curitiba. Tem certas características que podem distinguir a literatura feita no Paraná da feita em outros lugares, por causa de certas coisas que o Dalton inoculou em cada um de nós. É uma coisa absolutamente maníaca pela perfeição for-

mal, pela busca da precisão, pela busca da síntese, pela busca da palavra correta naquele momento, ou seja, inúmeras coisas do Dalton que estão presentes em nós. Depois do Dalton, ninguém mais me influenciou, não sinto essa influência presente de ninguém.

### Ser escritor

Ninguém escolhe ser escritor. Acho que não existe essa escolha. Um fato, que para mim foi decisivo, e que também não entendi até hoje, que marca essa escolha, é que eu lia muito e fui ter o meu primeiro emprego como auxiliar de desenhista na Prefeitura de Blumenau. Ganhei meu primeiro salário e acabei comprando uma máquina de escrever. Ela era tcheca, chamava-se Zeta e era gigantesca, enorme, pesada, de ferro. Comprei a máquina, voltei com ela nas costas para casa. Quando minha mãe me indagou o motivo que me levou a comprar a máquina, respondi-lhe que iria ser escritor. Aí disparei a escrever e, claro, fiz plágios descarados do Nelson Rodrigues, do Fernando Sabino, plagiava todo mundo, mas tinha o bom senso de uma semana depois jogar fora. Até que chegou um dia que escrevi uma história que achei que não era plágio de ninguém, não tinha a cara do Nelson

## PRÊMIO

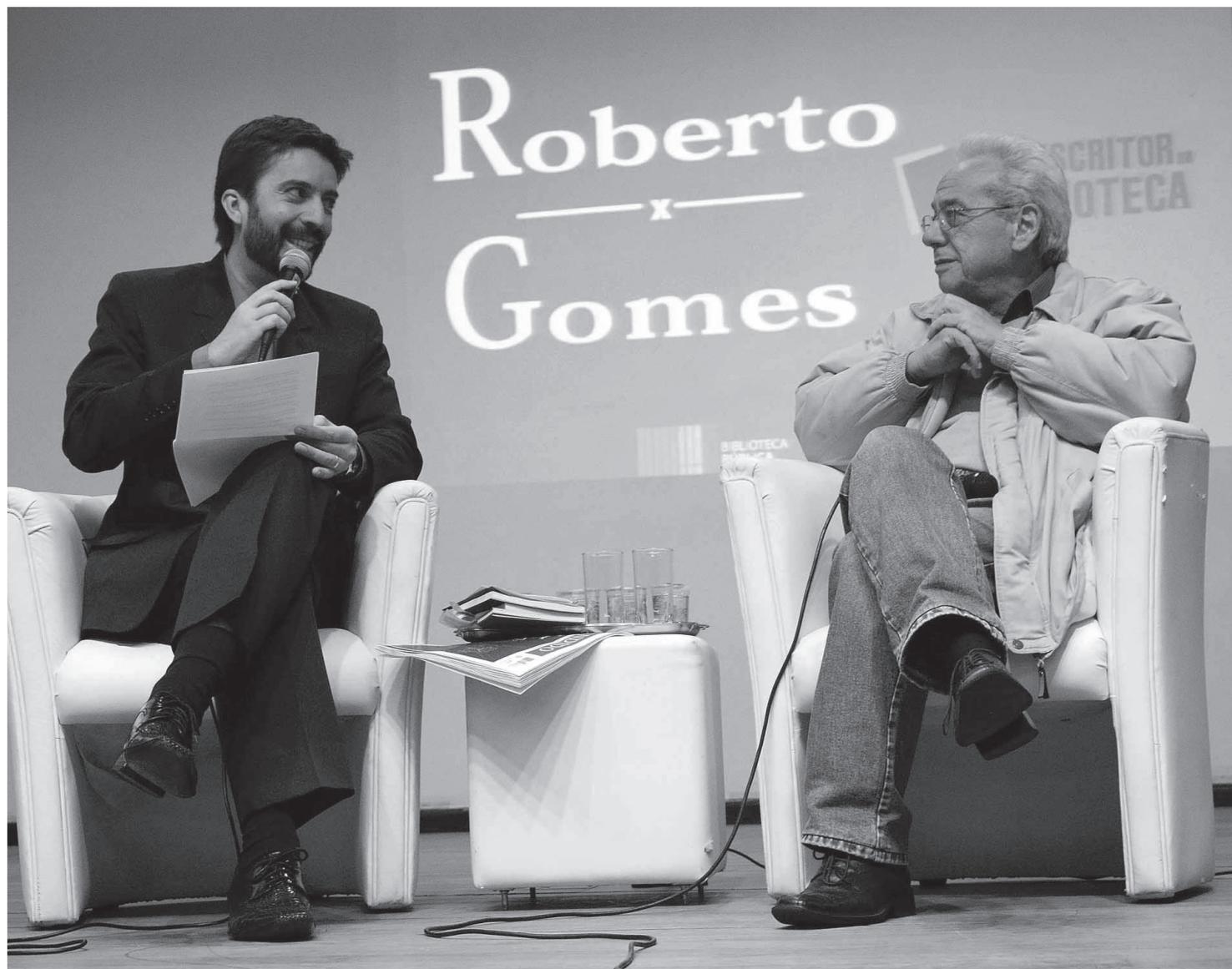
Rodrigues, nem do Fernando Sabino. Então, escolher escrever, não sei, talvez seja uma imaturidade. Agora, se eu não tivesse sido bem-sucedido como escritor, não sei se teria outra alternativa.

**Poesia**

A poesia tem um problema editorial não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Há uma dificuldade muito grande de publicar poesia. Mesmo editores que têm interesse em poesia, gostam de poesia, não publicam. É uma falta de público, uma dificuldade enorme de divulgação. Isso não é mentira dos editores. Eu, como lidei com editora, a Criar, sei quanto verdade isso é, não é desculpa ou ignorância de editor. É curioso porque as pessoas não têm, sobretudo no Brasil, o hábito da leitura de poesia, tanto que os poetas brincam que há mais poetas do que leitores de poesia. E os jornais mudaram muito, já não tem mais aquele espaço para publicação. Por exemplo, o primeiro conto que publiquei em âmbito nacional foi no jornal *Movimento*, em São Paulo. Mande por correio e saíram censuradas algumas coisas. Vários jornais publicavam textos e isso desapareceu: os jornais não têm mais espaço para isso. E como não há mais propriamente aqueles cadernos literários como a gente conhecia, também não há mais críticas literárias. Há um sucessão de resenhas, mas a crítica literária tal como era praticada, ela também desapareceu, também não tem lugar no jornal. Esses dias, eu que escrevo para jornal, levei um pito. Escrevi e enviei uma coluna com 3.600 caracteres, mas não pode, são somente 3.000. Então, os espaços estão muito disputados, são muito delimitados, é terrível.

**Incentivo**

Eu estudava no Colégio Pedro II na época do antigo científico. A gente morria de tédio nas aulas de literatura porque sempre tinha um manual de literatura que todos os professores usavam,



O escritor Luiz Andrioli mediou o papo com Roberto Gomes no auditório Paul Garfunkel.

que sempre começava naquela poesia do século XVI, os pastores, os provençais, tropeçava em Camões, chegando, no máximo, a Olavo Bilac. Então, eu estava convencido de que a literatura acabava em Olavo Bilac. Aí um dia, em Blumenau, apareceu um sujeito que foi um espetáculo. Chamava-se José Curi e era professor de literatura. Ele ia para a aula de lambreta, era magro, comprido, des-cabelado, de origem italiana, agitadíssimo. Virou um acontecimento na cidade. Na primeira aula ele já entrou com o mesmo manual de literatura na mão, todos já desanimaram, a mesma aula

de sempre. Mas ele pegou o manual e perguntou se sabíamos o que era aquilo. Respondemos, e ele disse: “Não, isso aqui é uma porcaria”, e jogou pela janela. Foi sensacional. Ele nos colocou para estudar o Modernismo, Mario de Andrade e Oswald de Andrade. Esse sujeito é uma figura que foi notável, não só para mim, mas para vários amigos meus que tiveram sorte de ser alunos dele. Foi um desafogo, nós achávamos que a literatura era outra coisa e ele abriu uma nova perspectiva para nós. Esse foi o grande incentivador de muitas leituras que iríamos fazer mais pra frente. ■

## PRÊMIO

# Prêmio Paraná de Literatura 2013 divulga comissão julgadora

Alberto Mussa, Eucanaã Ferraz, Raimundo Carrero e Rodrigo Garcia Lopes estão entre os jurados da segunda edição do concurso promovido pela Biblioteca Pública

**Prêmio Paraná de Literatura**  
romance . conto . poesia

DA REDAÇÃO

A Biblioteca Pública do Paraná (BPP) divulgou a relação dos integrantes da comissão julgadora do Prêmio Paraná de Literatura 2013. Alberto Mussa, Leyla Perrone-Moisés e Luís Augusto Fischer são os jurados da categoria Romance (prêmio Manoel Carlos Karam). Raimundo Carrero, Beatriz Resende e Charles Kiefer escolhem o melhor livro de contos (prêmio Newton Sampaio). Eucanaã Ferraz, Rodrigo Garcia Lopes e Alberto Martins analisam as obras de poesia (prêmio Helena Kolody). A comissão é presidida por Rogério Pereira, diretor da BPP.

“Buscamos, novamente, compor um quadro de jurados inquestionável. A seleção é feita com muito cuidado, pois um dos pilares do concurso é justamente a credibilidade da comissão. Convidamos escritores, críticos e acadêmicos consagrados e que já participaram de outras comissões”, diz Pereira.

Na primeira edição do prêmio, realizada em 2012, a comissão foi composta por Marçal Aquino, Rodrigo Lacerda, Caetano Galindo, Heloisa Buarque de Hollanda, Miguel Sanches Neto, Antonio Carlos Secchin, José Castello, João Cezar de Castro Rocha e Luiz Ruffato. Os autores vencedores foram Alexandre Vidal Porto (*Sergio Y vai à América*, romance), José Roberto Torero (*Papis et circensis*, contos) e Lila Maia (*As maçãs de antes*, poesia).

O Prêmio Paraná de Literatura 2013 vai selecionar livros inéditos de autores de todo o País. O vencedor de cada categoria receberá R\$ 40 mil e terá sua obra publicada pela Biblioteca Pública do Paraná, com tiragem de mil exemplares. Os premiados também receberão 100 cópias de seu livro. As inscrições são gratuitas e devem ser feitas até o dia 31 de julho. O resultado será divulgado na primeira quinzena de dezembro. O edital do concurso está disponível nos sites da BPP ([bpp.pr.gov.br](http://bpp.pr.gov.br)) e da Secretaria da Cultura do Paraná ([cultura.pr.gov.br](http://cultura.pr.gov.br)). ■

## CONHEÇA OS JURADOS

### Romance (prêmio Manoel Carlos Karam)

**Alberto Mussa** – Escritor, tradutor. Publicou os romances *Elegbara*, *O movimento pendular* e *Meu destino é ser onça*, entre outros.

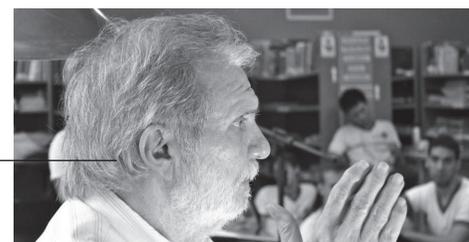


**Leyla Perrone-Moisés** – Crítica literária, professora da USP. Escreveu obras como *O novo romance francês* e *Falência da crítica*.

**Luís Augusto Fischer** – Crítico, professor da UFRGS. É autor de *Machado e Borges – e outros ensaios sobre Machado de Assis*, entre outros livros.

### Contos (prêmio Newton Sampaio)

**Raimundo Carrero** – Jornalista e escritor. Escreveu 21 livros, entre eles *Maçã agreste* e *A minha alma é irmã de Deus*.



**Beatriz Resende** – Professora, pesquisadora, crítica literária e ensaísta. Publicou obras como *Cronistas do Rio* e *Apontamentos de crítica cultural*.

**Charles Kiefer** – Escritor e professor da PUCRS. Tem mais de 30 livros editados, entre eles três vencedores do Prêmio Jabuti (*O pêndulo do relógio*, *Um outro olhar* e *Antologia pessoal*).

### Poesia (prêmio Helena Kolody)

**Eucanaã Ferraz** – Poeta, professor e ensaísta. Escreveu, entre outros, *Cinematoca*, *Rua do mundo* e *Desassombro*. Organizou antologias de Caetano Veloso e Vinicius de Moraes.



**Rodrigo Garcia Lopes** – Poeta, tradutor, compositor e músico. Lançou sete livros e dois CDs.

**Alberto Martins** – Poeta, editor e artista plástico. Publicou, entre outros, *Em trânsito* e *Cais*. ■

Fotos: Divulgação



# Entre a lei e a transgressão

O jornalista, músico, escritor e curador revela seu percurso literário guiado por uma ética contracultural

OMAR GODOY

Alex Antunes admite que não leu muitos autores novos nos últimos dez anos. E os “culpados” foram dois escritores que fazem o que ele chama de “ficção científica menos científica e mais psíquica”. “Quando li *Reconhecimento de padrões*, do William Gibson, e *Terroristas do milênio*, do J. G. Ballard, em 2003, entendi que a literatura de especulação psicossocial havia se enganchado diretamente com a realidade presente, que as possibilidades de ativismo e intervenção direta estavam abertas ou por se abrir como no final da década de 1960, e iniciei um ciclo de viagens e produções que me afastaram das leituras”, diz.

Até então, Antunes era conhecido por sua atuação no jornalismo cultural (trabalhou em quase todos os grandes veículos de São Paulo), na música (produziu discos e liderou bandas como Akira S e As Garotas que Erraram e Shiva Las Vegas) e na literatura (publicou o *cult A estratégia de Lilith*, que mais tarde virou o filme *Augustas*) — sem contar seu interesse por xamanismo e rituais de transe. Mas o *insight* proporcionado pela dupla Gibson/Ballard o levou mais longe, e hoje o coautor do *hit* “Atropelamento e fuga” (eternizado pelo grupo Skowa e a Máfia) é mais reconhecido como um misto de guru contracultural e curador de festivais, que circula o país permanentemente trocando ideias e tentando entender a contemporaneidade.

Logo após a última edição da Virada Cultural de São Paulo, da qual par-

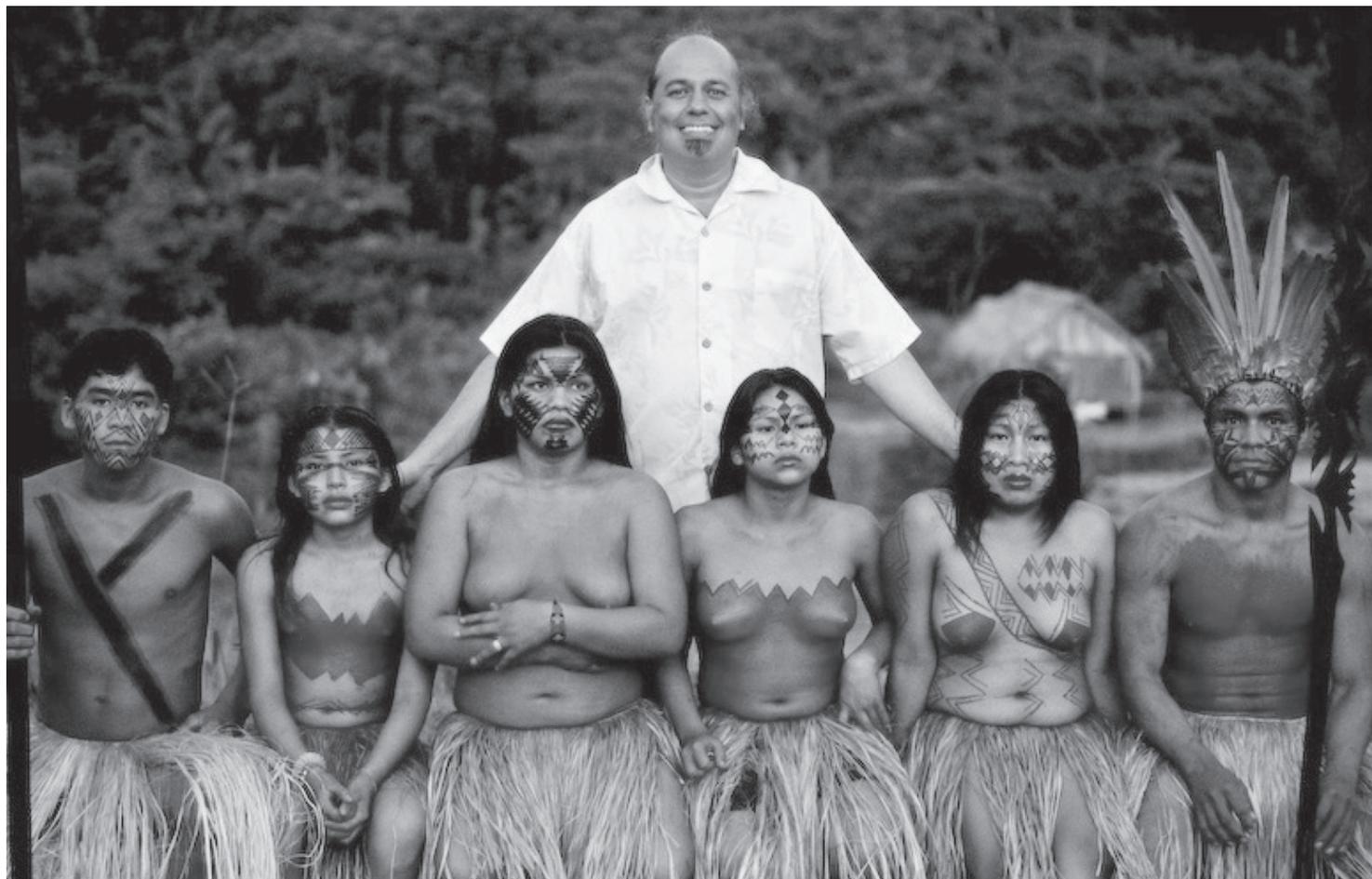
“ A coisa do investigador *freelancer* que se equilibra em um espaço estreito entre a lei e a transgressão foi uma revelação para mim. Moralmente, sou um filhote do [Raymond] Chandler.”

ticipou da curadoria, Alex Antunes conversou com a reportagem do **Cândido** sobre sua trajetória como leitor. Começou lembrando que sua primeira cama, onde dormiu até os 10 anos, era cercada por estantes com livros. “Meu pai tinha interesse em política e humanidades, e comprava livros com frequência. Isso fez com que eu lesse bem cedo obras cujas capas ou títulos me atraíam”, conta o jornalista, que, como boa parte das crianças de sua geração (ele tem 53 anos), iniciou-se na literatura por meio da obra de Monteiro Lobato.

“Não defendo o Lobato irrestritamente na questão do racismo, mas sou um grande devedor dele. Principalmente pela introdução à mitologia grega, tema que viria a ser central na minha vida”, diz Antunes, que nessa época também virou rato de bibliotecas, devorou coleções de clássicos vendidas em bancas e espiou títulos mais adultos comprados pela mãe junto ao Círculo do Livro. “Fuçando nos livros da minha mãe, acabei lendo *Prudência e a pilula*, de Hugh Mills”, exemplifica.

O primeiro grande impacto, no entanto, veio com a descoberta de Raymond Chandler. Aos 14 anos, ele leu, emprestado de uma tia, a coletânea de contos *Pérolas dão azar* e se encantou com a estética *noir*. Ou melhor, com a *ética noir*, como ele faz questão de deixar claro. “A coisa do investigador *freelancer* que se equilibra em um espaço estreito entre a lei e a transgressão foi uma revelação para mim. Moralmente, sou um filhote do Chandler”, afirma. Seu outro “pai” também surgiu nessa época: Jorge Amado, via *Capitães de areia*. “O livro tem uma abordagem bastante crua da tensão sexual entre os jovens. O termo ‘carapinha do sexo’ me assombra até hoje”, diverte-se.

Nos anos seguintes, seguiu firme no gênero policial (é fã de Patrícia Highsmith e Georges Simenon) e mergulhou na “literatura psicanalítica de transgressão” de Philip Roth e Luke



“ Não defendo o Lobato irrestritamente na questão do racismo, mas sou um grande devedor dele. Principalmente pela introdução à mitologia grega, tema que viria a ser muito central na minha vida.”

Rhinehart. Também se interessou, entre outros, por Hunter S. Thompson (leia making of de *Medo e delírio em Las Vegas* na página 37), Chris Simunek, Nick Tosches, Carlos Castañeda, Mario Henrique Leiria, J.D. Salinger. Este último, ele considera o “inventor do *indie*”. “Toda a *ética indie* noventista está lá, em embrião, em *O apanhador no campo de centeio*, de 1951”, teoriza.

Mas sua praia predileta parece ser mesmo a da tal “ficção científica menos científica e mais psíquica” — ou *cyberpunk*, como se convencionou classificar esse subgênero *sci-fi* com ênfase numa abordagem, digamos, mais so-

ciocultural e distópica. “No começo dos anos 1990, tive um choque muito forte quando li *Neuromancer*, do William Gibson, que me introduziu outra dimensão dessa *ética* do franco-atirador, em sua versão mais atual, a *cyberpunk*. Nessa mesma fase, li *A invasão divina*, do Philip K. Dick, que descobriu uma dimensão psíquica muito mais interessante que a tecnológica. Virei pesquisador da obra dele imediatamente.”

Como se pode perceber, é a *ética*, e não a *estética*, que guia Antunes em suas reflexões e produções. Vide sua relação com a chamada literatura *pop* contemporânea. “Essa é uma mumunha mais recen-

te, cuja *ética* não é a *ética* contracultural, e sim esse biombo nerd do ‘fazedor de listas’ afetivo Nick Hornby. Eu surfei um pouco nisso quando publiquei *A estratégia de Lith*, em 2001, mas minha conexão é muito mais contracultural clássica, da passagem dos anos 1960 para os 1970”, explica.

Sem nenhum projeto de livro em andamento (“apenas apontamentos”), o curador termina a entrevista fazendo uma espécie de apelo aos leitores do **Cândido**. “Na minha adolescência, li um livro sul-africano que trata do caso sexual de um boer com uma jovem negra. Lembro muito especificamente da cena em que eles transam em um lugar ermo, dentro da Mercedes Benz dele. Mas esqueci para sempre o título, e toda e qualquer combinação de termos que eu introduza no Google conduz à literatura sociológica. Algum leitor faria ideia de que livro pode ser?”. Pedido registrado. ■

# PONTO DE ILUMINAÇÃO

“Buceta!”, pensei sem nenhum significado literal. Mas Anabela não parava de falar sobre como as mulheres não poderiam se deixar subjugar pelos homens. Otelo aproveitava as sombras e vazios para contar sobre como tinha sido sua estada em “London”. E Eduardo acendia um baseado atrás do outro. Tudo meio óbvio demais.

Do outro lado da janela, do lado de fora, a noite produzia sons intensos, que para mim mais se assemelhavam a um bebê tendo cólicas infernais, e isso parecia, de certo modo, tentar explicar porque, cada vez mais, Curitiba tinha esse clima, atmosfera, ambiente, tão, tão...

Garoava no 4º andar.

Nos postes, como de costume, as luzes apagavam e acendiam espaçadamente quando bem entendiam, sem nenhuma linearidade aceitável. O que fazia os casacos comprados na Zara brilharem enquanto desfilavam ali pela Vicente Machado. Quem os visse de onde eu estava vendo seria levado a acreditar que havia câmeras espalhadas por toda a extensão da rua, mas que eu sabia isso só ocorria mesmo na Quinze e Riachuelo, certo?

Não importa — ou não deveria importar.

Devo ter passado pouco mais de alguns instantes assim, pensando em como me livrar disso tudo, mas a julgar pelo assunto naquela sala, poderia ser que eu até mesmo tivesse voltado no tempo. Anabela... Sim, a mesma coisa. E, como sempre quando esse papo anos 70 sem criatividade vem a tona, pensei em como seria interessante, ou ao menos curioso, comê-la de quatro. Não imagine pornografia, mas imagine algo inevitável.

Ilustração:  
Iuri de Sá



“Meu deus!!!” O mundo caindo na minha cabeça e Anabela ali preocupada em estabelecer uma linha que delimitasse ações entre homens e mulheres, ou melhor, mulheres e homens... Tentando criar um padrão onde se poderia determinar quem deveria se enquadrar em conceitos ultrapassados como machismo ou feminismo enquanto não se sabe mais nem qual é mesmo o significado de homem e mulher me pareceu pura inexperiência.

Isso até seria bem aceitável se a menina fosse uma dessas amargas mulheres de trinta e poucos que proliferam em velocidade assustadora por aqui, pensei, em uma daquelas reflexões que só conseguimos ter enquanto estamos olhando diretamente para a pessoa em questão. E Anabela cruzou com meu olhar e ainda sorriu pra mim quando terminou de dizer algo que parecia ter achado genial. Vá saber.

Retribuí com um novo sorriso, pois o antigo daria muito na cara. E levantei um pouco a minha taça de vinho na direção dela. Ela sorriu de volta e mexeu no cabelo. Tempo suficiente para Otelo emendar que em Londres (a tradução é por minha conta) as coisas são muito diferentes, o que é uma baita duma balela, mas ele queria mesmo era falar da feirinha de Notting Hill nos sábados, dum ensopado de grão de bico com linguiça que era maravilhoso de se sair comendo e caminhando por entre as pessoas e ouvindo aquele sotaque...

Escrevendo isso, me ocorreu o caso de uma garota que conheci tempos atrás. Na época ela tinha uns 23 anos, ainda era virgem e saímos algumas vezes em uma sequência de insucessos. Logo depois fiquei sabendo, sem muitos detalhes, que havia viajado para a Inglaterra e lá teve sua primeira vez. Sem mágoa, deixo esta historieta para uma análise posterior.

Naquela noite, contudo, pensei, de verdade, em como deveria ser bom estar lá na feirinha do bairro londrino caminhando

do entre as pessoas, comendo grão de bico com linguiça e protegido de todo o sofrimento e violência que aflorava por esse mundo moderno do lado de fora de Notting Hill (neste caso, por opção do tradutor, que sou eu, e até para não quebrar o encanto, decidi manter o termo no original).

Quis mesmo que houvesse algum tipo de teletransporte quando recebi mais uma chamada e estremei ao ver aquela fotografia estampada no visor do meu celular enquanto o aparelho gritava desesperadamente parecendo querer me avisar de algo sem que eu lhe desse a atenção necessária.

Momentaneamente triste, tive exatamente este insight: a foto dela, que eu mesmo fizera, havia se voltado contra mim.

Normal.

Em situações desse tipo o desespero é algo a que não podemos, de forma alguma, nos apegar. Isso era uma das poucas coisas que meu avô havia me deixado de herança. O resto ficou para o meu pai, que vendeu tudo, nos deixando meio que por conta. Não sei se ele, o meu avô, imaginara toda essa odisséia em minha vida, mas estava sendo uma boa dica até agora.

Havia mais pessoas no apartamento, era mesmo uma reunião grande para aqueles esquentas de sexta, mas foi Eduardo quem apareceu para me oferecer o baseado. Garantido: risada arrasada de algum filme que ele havia visto, mas eu, provavelmente, não. Melhor assim.

Então, para evitar aquele vazio meio constrangedor falei logo de cara o que ele queria ouvir. “Porra, bem enrolado pra caralho!”.

Outra risada, outro filme.

“A erva é da gringa”, foi assim que ele disse.

Fiquei tentando amarrar as pontas: Da gringa... Where? Paraguay?!

Sorri de novo mais para testar aquele sorriso que inventara a pouco do

que por vontade mesmo.

Dei uma bola, segurei tudo o que pude até tossir meu pulmão simplesmente para me sentir ainda mais farto. Me sentia assim, cheio de tudo, mesmo sentindo um carinho especial por boa parte daquele povo, de modo que me virei para a sala novamente e gritei bem alto assustando um bom tanto de gente.

“NADA É DIFERENTE EM LUGAR NENHUM, PORRA!”

Depois pulei uns dois ou três que estavam esparramados pelo chão da sala e sai pela porta abruptamente, fechando-a com bastante força.

E parei a espreita. Esperei em silêncio.

Deu para ouvir um “o que deu nele?!” de alguém, acho que de Anabela. “Ele sempre faz dessas, só quer aparecer”, disse a voz despreocupada de Otelo. Tudo isso com um pouco da risada de Eduardo ao fundo e mais um monte de vozes e barulhos distorcidos e irreconhecíveis.

Só quando tudo voltou ao normal lá dentro pude perceber que por toda a noite desde minha chegada estive tocando David Bowie. Me pareceu como uma melancolia programada.

Na verdade, se não me liguei antes foi por pura desatenção, pois ali parado na frente da porta pude lembrar claramente a imagem de alguém levantando do chão cinematograficamente, com um cigarro em uma mão e a latinha de cerveja na outra, sem se apoiar em nada, e dizendo que tinha ido no show de Bowie, em sei lá quando. E de isso ter sido o estopim para outro carinho gritar, levantando uma folha qualquer, talvez um livro do Bukowski: “abaixo assinado pra Pedreira”. Eu mesmo, nostalgicamente, pensei em pedir para tocar um Pixies, mas fiquei quieto com medo que alguém mandasse um AC/DC ou então, pra piorar, Björk.

Quando sorri com as lembranças recentes já estava nas escadas, no meio

do caminho a ser percorrido até a saída. Mas esse foi um sorriso antigo, já bem batido até. Daqueles que são automáticos, às vezes ensaiados horas a fio no espelho do banheiro.

Estava frio na rua. Na vitrine de uma loja verifiquei se minha echarpe estava esteticamente bem enrolada em volta do pescoço, arrumei o casaco, só depois coloquei a gola voltada pra cima e fui abotoando todos os botões com exceção dos dois últimos, mais próximos do queixo. Passei os dedos entre os cabelos, para deixá-los mais espetados. Alisei as costeletas.

Sem mudar o ritmo, olhei para cima, a lâmpada de mercúrio do poste desligou sem motivo aparente, o que evitou, ao menos momentaneamente, fazer meu casaco brilhar coberto por gotículas da garoa que continuava fraca e inalterada.

Puxei o telefone do bolso, dando sinal de que estava realmente partindo. Uma nova chamada não atendida, mas já devia ser a 25ª. Na tela, a mesma foto colorida e sorridente, cheia de simpatia e promessas não cumpridas. De cabelos compridos pretos e escorridos que encobriam levemente o rosto, lábios carnudos e vermelhos de batom, os olhos fixos em mim... Mesmo há dois anos, ainda quase uma cópia fiel da que agora estava a pouco mais de dois metros à minha frente.

Também tinha o telefone na mão.

Gelei, paralisado.

Ela sorriu.

Vá saber o que significava isso.

Se aproximou na minha escuridão, pegou as duas pontas da echarpe com os dedos finos e me puxou levemente para frente, apoiando-se apenas no meu peito e no seu pé esquerdo.

Subitamente, um fecho de luz foi jogado sobre nós.

Lembrei do meu avô.

Grande cara. ■



## ENTREVISTA | RODRIGO GARCIA LOPES

---



Elisabete Ghisleni

# Rodrigo Garcia Lopes em dose tripla

Com novo CD e coletânea de poemas, Rodrigo Garcia Lopes aguarda a publicação de *O trovador*, romance policial que se passa no Norte do Paraná e marca sua estreia na prosa

CLÁUDIO PORTELLA

**W**illiam Burroughs, um dos principais nomes da geração *beat*, sempre foi uma referência para o escritor paranaense Rodrigo Garcia Lopes. Em 2013, o autor de *Almoço nu* volta a inspirar Garcia Lopes em sua nova empreitada: seu mais recente livro de poemas, *Estúdio realidade*, bem como o álbum *Canções do estúdio realidade*, tiveram seus títulos nomeados a partir de uma frase de Burroughs que aparece no livro *Nova express* (“Assaltem o Estúdio Realidade e retomem o universo”). “A expressão, como a leio, traz embutida a ideia da realidade, em nossa Idade Mídia, como algo cada vez mais fabricado e manipulado, sobretudo pelos meios de comunica-

ção de massa”, explica Garcia Lopes em entrevista ao **Cândido**.

O poeta londrinense ainda fala sobre sua primeira experiência na prosa, com *O trovador*, romance policial que tem como pano de fundo o Norte do Paraná. “Foi uma grande aventura escrever esse romance. Pesquisei muito a história da colonização do Norte do Paraná em bibliotecas daqui e dos Estados Unidos, em museus e em *sites*”, explica Garcia Lopes, que ainda fala sobre as canções de seu novo CD e da cena literária brasileira contemporânea.

**O título (*Estúdio realidade*) do seu novo livro de poesia, bem como do seu novo CD (*Canções do estúdio realidade*), foram cunhados de um livro de William Burroughs. A capa do livro traz uma foto do escritor americano tirada por você. Em que medida a obra de Burroughs influenciou a sua criação?**

É, aquela foto foi curiosa, nós criamos juntos. O livro sai em maio pela 7Letras, do Rio. Minha dissertação de Mestrado, na Arizona State University, foi sobre os romances de Burroughs, filosofia da linguagem, intertextualidade, entre outras questões. Os *cut-ups* [técnica de colagem utilizada por Burroughs]

foram importantes, eu mesmo fiz alguns experimentos poéticos com isso. “Assaltem o Estúdio Realidade e retomem o universo” é uma frase que pinta no livro *Nova express* (1964). A expressão, como a leio, traz embutida a ideia da realidade, em nossa Idade Mídia, como algo cada vez mais fabricado e manipulado, sobretudo pelos meios de comunicação de massa. O livro dá continuidade a uma característica comum no meu trabalho: o sentido crítico, a busca pelo inusitado e pela surpresa, por diálogos com diversas tradições literárias, pela pesquisa de novos dizeres, além da exploração e práticas poéticas diversas, que vão de formas ancestrais de poesia (como a poesia visual) até o hipertexto contemporâneo. O título também sinaliza a poesia enquanto artifício, com o poder de questionar essa “realidade”, bem como o de construir e inventar outras. Acho que a poesia pode cumprir seu papel de questionar os padrões medianos de sensibilidade e sentimento, de provocar uma re-sensibilização.

**Sua poesia tem uma forte pegada *pop*. O que, em alguns momentos, lembra o poeta Paulo Leminski. Mas noto que apesar da sua levada *pop*, o arremate é quase sempre visceral, como se você**

Jacqueline Sasano



estivesse aprofundando o que o Leminski não queria, ou não teve tempo de trazer para a poética. É isso? Fale sobre a sua poesia, como ela se processa?

Em que sentido, “pop”? Eu não gosto dessa designação. Pra mim, passa a ideia daquilo que não fica, de algo descartável, superficial. Vejo muita gente usando o termo, inclusive poetas jovens. Aliás, hoje parece haver muita pose e pouca poesia. Também acho que dizer que a poesia de X lembra a de Z desmerece a singularidade de cada poeta. Qual a semelhança entre uma maçã e uma laranja? Nós somos em boa parte um arquivo vivo de todas as leituras e experiências que afetaram nossa sensibilidade. Eu tenho afinidade com muitos poetas, minha poesia tenta dialogar com todo um passado. E um presente também, é claro. Leminski foi importante, mas muitos outros (e não só escritores) também foram.

**Quando você esteve com Burroughs ele lhe disse que achava que a maioria dos poetas eram essencialmente prosadores preguiçosos. Você acha mesmo que isso se encaixa à perfeição na poesia brasileira atual? Eu acho que a poesia mais interessante que se tem feito no Brasil nos últimos anos é justamente essa, e que ela não tem uma relação direta com a prosa longa, talvez com a crônica. Bem, o que você realmente pensa sobre isso?**

Eu concordo com o que o Burroughs me disse naquela entrevista. Muitos poemas que leio hoje em dia são apenas prosa cortada em linhas, arbitrariamente, e raramente linguagem em versos. Eu discordo de você que a poesia mais interessante tem sido nessa linha, embora eu ache que o atrelamento a uma certa ideia de “materialidade da linguagem”, a uma ideia de “concisão”, além do poema curto, no Brasil das últimas décadas, impediu ou inibiu a criação de poemas mais longos, de fôlego e visões amplas, como encontramos



Rodrigo Garcia Lopes e o escritor beat William Burroughs, uma das grandes influências do poeta londrinense.

com frequência na poesia norte-americana, na sul-americana ou mesmo entre nós (Jorge de Lima me vem à mente).

**O livro de poesia *Estúdio realidade* tem uma parte (Quarto Fechado) onde os poemas giram em torno de elementos que constituem o romance policial. Você acaba de concluir seu primeiro romance, *O trovador*. O seu anseio em escrever uma história de mistério era uterino? Provém do mesmo útero dos poemas policiais? No caso, Burroughs tinha razão, os poemas policiais foram uma preliminar enquanto criava coragem para escrever o romance?**

Sempre fui apaixonado pela história da colonização do Norte do Paraná. Embora eu lesse romances policiais, é uma paixão ou “vício”, como diz W. H.

Auden, mais recente. Fui escrevendo os poemas “policiais” enquanto escrevia o romance. Fazendo paralelos entre a operação poética e a investigação. Dos gêneros narrativos, acho que o policial é o que mais se aproxima da poesia, pelo menos para mim. Lembre que Poe, o pai do romance policial, em *Filosofia da composição*, parte de um poema (“O corvo”) para explicar o procedimento construtivo “de trás para frente” que é característico de uma boa história policial.

**Em *O trovador*, a empresa britânica Paraná Plantations, loteia as terras férteis do Norte do Paraná. A história também se passa na Londrina de 1936. Como foi recriar e reconstituir a região do Norte do Paraná dos anos 1930? Você fez pesquisas históricas, quais as suas fontes?**

Foi uma grande aventura escrever este romance. Pesquisei muito a história da colonização do norte do Paraná em bibliotecas daqui e dos Estados Unidos, em museus, em *sites* específicos. A biografia de Lord Lovat foi importante, jornais como o *Paraná-Norte*, e muitas, muitas fotografias antigas. Fiz consultas em arquivos físicos e *online*, leitura de bibliografia específica ao tema e ao período histórico (o contexto mundial e brasileiro nos anos 1930, por exemplo). A colonização é o pano de fundo do livro, e uma página bem pouco conhecida na nossa história e menos ainda explorada pela literatura brasileira. Depois da fase de levantamento histórico, perfil dos personagens principais e planejamento da obra, veio a escrita propriamente dita. Um romance policial de qualidade (que tenha trama bem construída e interessante, cená-

rio original, personagens multidimensionais, pistas inteligentes, detetive cativante e vilões memoráveis) requer bastante trabalho, planejamento e pensamento crítico. O mais importante, neste gênero, pra mim, além do protagonista, é a trama, a intriga, que no caso de *O trovador* é bem complexa. Foi o que deu mais trabalho, além da reconstituição de época. Repleto de ação, suspense e reviravoltas, e sem perder seu foco principal, que é a investigação.

### Quais são seus autores preferidos no romance policial e o que acha do que se está produzindo hoje do gênero no Brasil?

Poderia citar muitos, mas os preferidos são Conan Doyle, Agatha Christie, Josephine Tey, P.D. James, na Inglaterra. Na França, Simenon. Nos EUA, Dashiell Hammet, Raymond Chandler, Ross Mcdonald, Michael Connelly, Scott Smith e Dennis Lehane são meus favoritos. Há uma safra de escandinavos muito boa. No Brasil, citaria Rubem Fonseca, Luiz Alfredo Garcia-Roza, Marçal Aquino (em alguns livros). Embora a situação tenha melhorado nos últimos anos, o policial brasileiro ainda tem pouca tradição no nosso sistema literário e encontra resistência por parte da crítica, ora considerado como sublitteratura ou mera literatura de entretenimento. Acho que o gênero permite levantar importantes reflexões históricas e questões de identidade, moral, corrupção política, relações internacionais, colonialismo, propondo, ao mesmo tempo, uma reescrita da história.

### Foram alguns anos para escrever *O trovador*, como foi sua rotina de trabalho no romance durante esse período?

É normal que seja um trabalho demorado. Depois que vi uma entrevista do Lehane dizendo que o primeiro romance dele levou 3, 4 anos, fiquei mais tranquilo. Por tratar-se de um romance de mistério e investigação que emprega fatos históricos e personalidades reais, pra conseguir

a necessária verossimilhança literária foi vital investir tempo integral para escrevê-lo. Em 2009 fui contemplado com uma bolsa Funarte de Criação Literária, e isso foi fundamental, me deu o tempo para me dedicar exclusivamente ao projeto. Seguiu uma rotina diária de trabalho. Os primeiros meses foram de pesquisa histórica, contextualização sócio-política do período, leituras de relatórios da companhia em jornais brasileiros e britânicos. Depois veio o plano de enredo, as caracterizações dos personagens, e um primeiro esboço para os capítulos que continham os pontos-chaves e viradas na trama. Também li muitos livros sobre a técnica de escrever um romance policial que me foram muito úteis. Por exemplo, eu estava empacado na parte 2, que sempre é a mais extensa e complicada. Um dos livros aconselhava que, se isso acontecer, esqueça tudo e escreva a cena do confronto final entre detetive e criminoso. Foi o que fiz. Eu, que nunca bebo para escrever, comprei duas garrafas de vinho tinto e voltei para meu refúgio em Floripa. E funcionou. Com a cena-chave delineada, fui escrevendo alguns capítulos de trás pra frente, tendo em vista aonde a ação iria desembocar.

### Recentemente você lançou *Canções do estúdio realidade*, seu segundo CD após 12 anos do lançamento de sua estreia, com *Polivox* (2001). O que mudou do primeiro trabalho para este?

Ele está todo disponível no site [www.rgarcialopes.wix.com/site](http://www.rgarcialopes.wix.com/site). Em *Polivox* eu poderia ter feito um disco de poesia sonora, ou apenas de poesia falada. Naquele trabalho a intenção era reunir canções e poemas escritos até aquele momento, criar um território híbrido, onde música e poesia — como as pegadas de um pássaro na areia — fossem indissociáveis (como sempre foram, dos rapsodos gregos aos *rappers*). Lá, os poemas recebiam três tratamentos básicos: 1) Musicados e transformados em outra coisa: canções; 2) Sob a forma de potretilhas ou salas sonoras (aguçando uma

viagem sonora com o texto); 3) Lidos no seco, explorando o som da linguagem em si. O disco novo adensa as experiências musicais iniciadas no *Polivox*, mas com foco apenas na canção. O trabalho explora, em 12 faixas, formas possíveis de compor canções hoje em dia. As canções se tornam campos de possibilidades poético-musicais. Além da coisa da composição, neste disco assumo com mais amadurecimento o lado intérprete, e também o violão, que estrutura minhas canções.

### Neste novo CD, em que pese os diálogos com variados ritmos musicais, há uma unidade muito forte em quase todas as músicas. Essa unidade foi procurada ou tem relação mais direta com o timbre da sua voz, a poesia, o violão de nylon, o diálogo com o cinema, etc?

Bem, minha voz e violão são o centro e a base dos arranjos. Eu estruturo as canções de um jeito que as intenções de outros instrumentos já ficam audíveis ali (como o baixo, principalmente). Conversei muito com o André Siqueira sobre a sonoridade que queríamos no disco. Essa unidade foi conseguida graças a ele, um multi-instrumentista de Londrina, que escreveu 10 dos 12 arranjos.

### Na canção “New York”, talvez a que mais se diferencie do CD, em determinado momento você entoou um *New York, New York...* É uma “brincadeira” com a famosa canção imortalizada por Frank Sinatra?

“New York” é um *rap* com levada *funk* (não o carioca!). É a única (com exceção da primeira parte de “Fugaz”) que é em canto-falado. Sim, a música faz uma citação de Sinatra entre a primeira e a segunda parte. Acabamos de gravar o clipe desta música, dirigido pelo Anderson Craveiro. Vai ficar bonito. ■



## FLAUSI - FLAUSI

Ilustrações:  
Fabiana Vieira

*Agosto, 3: Saí da janela, não ver o enterro. Esse pequenino caixão branco... E a estranha precisão de uma só! Sozinha, a mãe dolorosa, o luto fechado na sua dor. Costuro o morto, o vivo não! Dizer três vezes.*

*Que bom conversar com você, meu diário.*

*Oito horas da manhã, passam de eternos cabelos despenteados os estudantes rumo às aulas. Pensei o dia todo: Para o meu príncipe serei a sua cinderela de pequenos sapatos; ai! Só para ele.*

*No caixãozinho a garota errada que ainda não tinha morrido.*

*Agosto, 4: Eu sou feia, querido diário?*

*Agosto, 5: de manhã: Sonhei, outra vez, ai que horror! Me debatia nos braços de um monstro de luxúria, a barbicha loira e que se ria, cínico.*

*Afastei-o, já sem força:*

*— Para trás, miserável!*

*O sacripanta enrolou os bigodes e voltou à carga. Eu fugia, ele cada vez mais perto, a barbicha de ponta eriçada. Lambendo os beijos:*

*— Minha, enfim!*

*E avançou para mim, coitada, que... Despertei.*

*Penitência do padre: 10 padre-nossos e 10 ave-marias.*

*Agosto, 6: Um dia ocupado. Papelotes no cabelo, manicura e, à tarde, compras (não esquecer a linha bege). Na rua, ele passava por mim e não me viu; belo e muito longe. Eu... Não, não vale a pena.*

*Agosto, 7: Sua feia!*



Agosto, 8: Juro não fumar mais que três cigarros por dia. a) Aninha.

Agosto, 9: Hoje cruzava, sob a janela, um operário suado, a garrafa de café na boca da mochila. Cravou-me olhar fogo e fatal. Oh! Toda ruborizei o seio palpitando.

— Aí, que bruta macho!

Um eufemismo, depressa, por favor.

Agosto, 10: Pensamento achado numa revista: O amor é um sonho nebuloso! Lindo.

Agosto, 1º, de noite: Tão triste, basta fechar os olhos para morrer. Leio Casimiro de Abreu e toco ao piano Dalila. Às três das manhã e Nelly, Nelly, te quero.

Agosto, 11: Aí de mim! Só serei feliz no céu.

Agosto, 13: Vontade de ser freira. No claustro e ausente do mundo. Baixa a cabeça, Aninha, reza as tuas preces.

Agosto, 16: Sem fome, belisquei meio pãozinho, uma asa de galinha. Careta para tomar o remédio. Amargo.

Agosto, 17: Cinema. A voz rouca de Charles Boyer.

— Eis um galã de fino trato!

Tentação inconfessada de beijar o homem barbudo na cadeira ao lado.

Agosto, 19: A imagem no espelho é de guria pálida, pálida, grandes olhos líricos. A palidez é a sublimação do amor e, mais um pouco, me desvaneço nuvenzinha entre as nuvens.

Agosto, 21: Que adianta esperar, se ele não vem: quem? Ora, o meu príncipe encantado, no seu negro cavalo empinado. Um pratinho de mingau? Por favor, mãe, eu não quero.

Agosto, 22: À janela, com insônia, olha a lua. Suspiro pelo que perdi sem ter tido — o meu país de guapos mosqueteiros, com plumas verdes no chapéu. Sol e música Rudi.

Frio nos braços, o conchego da manta xadrez. E essa tosse. E essa febre — as faces em fogo.

Agosto, 23: No telhado um gato solitário declama versos à lua.

Agosto, 25: Ele chegou no seu corcel de narinas resfolegantes. Galante príncipe, que dizia:

— Senhorita, meu reino por um chá de camomila!

Setembro, 2: Violetas floridas nos vasos, uma cantiga saudosa da Odete na cozinha, mais gatos à noite sobre os muros. Oh! Casimiro, Casimiro... (Gatos, não, gatas.)

Setembro, 3: Do Jornal das Moças — Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, que encontrardes o meu amado lhe façais saber que estou enferma de amor.

Setembro, 4, de manhã: Um desejo tardio de pecar.

Setembro, 4, de noite: Que aparência teria ele em trajes menores? (Riscar este pedaço!) Pernas cambaías, talvez.

Setembro, 6, domingo: Pressa de viajar pelas estradas, uma aldeia perdida lá no Tibet. Que nome teria?

Setembro, 7: Ora ardendo em febre. Ora tiritando no gelo. Meu Deus, por que essa judiação com a tadinha de mim?

Setembro, 14: Diálogo na sala de estar.

— Rudi!

— Boa tarde, menina.

Assim que ele entrou, uma corruira afiando o bico na árvore, o garnisé jururu no terreiro, a preta com suas panelas na cozinha — romperam juntos num canto louco de alegria.

Suspirei baixinha: “Meu Deus do céu.” Ele apenas sorriu, indiferente. Ah, sem engano, morte violenta e certa para mim.

— Nada para me dizer?

— Eu, o quê, mocinha...



*Tarde mais desgraçada de minha vida.*

*Setembro, 15: Meu querido diário... Nada, só isso: querido diário.*

*Setembro, 16: Que gosto há de ter gasosa de framboesa, cabeça de fósforo amassada, aguarrás?*

*O que Maria da Luz bebeu por amor do cabo Floripes. No bilhete a razão do tresloucado gesto: Ele, o ingrato, tinha outra. O cabeçalho do jornal é tão bonito: Adeus, Floripes!*

*Setembro, 18: Sonho; homem com a barbicha de ponta arrepiada.*

*Mas não irei à igreja.*

*Setembro, 19: De quem essa imagem desbotada no espelho? Inútil beliscar as faces. Ai, fundas olheiras. E tossinha pertinaz.*

*Setembro, 20: Sou mesmo... o quê? Um triste lírio tísico.*

*Setembro, 21: Primavera na folhinha.*

*— Senhorita, uma flor para os seus cabelos?*

*— Obrigada, cavalheiro, não fumo.*

*Por que essa tolice?*

*Setembro, 22: Ah, os beijos molhados que, de repente, sinto na nuca. Olho com espanto em volta — sozinha no quarto.*

*Setembro, 23: Uma gota de sangue no lençinho branco.*

*Setembro, 25: Outra mulher há que dorme sob a virgem, fatal até nas unhas pretas, uma longa piteira na boca purpurina.*

*— Garçom, whisky and soda.*

*Setembro, 26: Como eu odeio as criancinhas, sempre aos gritos, correndo felizes e coradas pelos jardins. Ah, como as odeio!*

*Só de pensar, eu sei, mereço o inferno.*

*(E você aí não conte a ninguém.)*

Setembro, 27: Chuva, dedos gélidos batem na vidraça, chove lá fora. Um cobertor sobre os ombros. Está bom aqui dentro. Virá me buscar à meia-noite uma carruagem fantasma sem cocheiro na boleia. Em despedida, dormir nos braços de algum viúvo triste; por favor, só me levem quando ele esteja dormindo.

Setembro, 29: Eu o amo, perdida e louca. Ele não me ama, eu sei. Simples olhar ou gesto banal, o alfinete da esperança já pinica fundo o peito. E, submisso, deita-se o meu coração a seus pés, feliz de ser pisado.

Quero prendê-lo em tímido abraço e impaciente já se desvencilha e foge. Parte, meu amor, e sê feliz.

Setembro, 30: Vi-o, no saguão do teatro, ao lado da outra. Sorriam e segredavam tolices, roçando as belas cabeças. Ela de vestido encarnado, uma rosa no cabelo. Dize-lhe adeus, Aninha, que o donzel ame a sua donzela. Ai de mim! E a donzela morra de amor por seu donzel.

Outubro, 1: A sua combinação aparecia sob o vestidinho curto. Minha vingança!

Outubro, 2: Visita à dna. Clarinda, tem setenta anos, que velha, credo!

Quarto em penumbra. Uma estátua de sal se derretendo no tapete. Cega, a bengalinha em punho, esgrime com a certa foíce da morte:

— Eu não quero morrer. Ainda não.

Diz ela que, só na velhice, a vida tudo nos dá e um pouco mais. Na despedida, com as mãos trementes afagou-me o rosto. Sem rugas, que ela invejou, eu sei.

— Reze, filha, reze por mim.

Mamãe disse que Dn. Clarinda, no seu tempo, foi moça belíssima, Uma flor nos cabelos: Amas-me? Sim, amo-te!

Lembrando, será? Uma valsa evanescente em surdina, o carnê de baile, a imagem risonha no espelho; rezai por ela e por mim.

Outubro, 3: O trino do primeiro sábio acende o sol na

janela.

Viver ainda um dia, viver!

Outubro, 4: Para o meu Floripes serei a sua Maria da Luz; aí! só para ele.

Por ele beberia gengibirra com mil cabeças de fósforo amassadas e caminhará sobre a água, sem molhar os pés.

Me pedisse a lua, eu desmaiava tantas vezes de amor que a lua dele seria com peninha de mim.

Não queres, Rudi? Bem sei, tu não queres.

Outubro, 5: Deus, faz com que hoje aconteça um milagre na minha vida. a) Euzinha.

Outubro, 6: Por favor, Deus. a) A mesma.

Outubro, 7: Me acolheu nos braços e arrebatou na garupa do seu cavalo de ébano. Depois o fogo estalando na lareira, que tal um cálice de absinto, meu bem? — Colher e...



## CONTO | DALTON TREVISAN

— ... torrão de açúcar. Sou esquipática, porém saudável.

Quanta bobice para espantar o tédio.

Outubro, 8: Os pensamentos que não tenho coragem de escrever.

Outubro, 11: O doutor, um pigarro:

— Minha jovem, se você insiste em não se cuidar...

Dois pigarros:

— Não quero assustá-la, mas...

Que seja. Vida longa à velha aguerrida. Senta-dinha, desafiante, o espadim de madeira golpeando o ar; Raspe-se!

Fora daqui, ó Bruxa!

E uma coroa de flores roxas para a mocinha tossicante.

Outubro, 15: O silêncio desse vasto cemitério de estrelinhas mortas já não me assusta.

Outubro, 17: Não andes pelas estradas ao sol em busca de um resto de amor.

Veja, a noite que se deita sobre os telhados esconde de teus olhos os caminhos ardentes.

Outubro, 18: No aniversário da Lúcia, enrolei no lencinho perfumado um pequeno frasco azul.

Ninguém estava olhando? Eu cuspiá, horror! (Uí, vermelho vivo.)

Outubro, 19: O doutor me proibiu de sair de casa.

Outubro, 20: E não fui mulher fatal. Para recordar na velhice.

Outubro, 21: Ah, bem podia ser cavadora de ouro; jogar bacará no cassino; a lua boiando nas águas sobre a amurada do navio. E ser gorda, isso mesmo; de quadris reboiando — e os poetas celebrariam as minhas coxas grossas.

Tanto eu queria, e não quero mais.

À noite, na janela: O príncipe gentil:

— Me permita, senhorita, pendurar no seu pescoço este humilde colar de beijos!

Outubro, 22: — Laranja madura, bem baratinha!

O refrão do mascate a esganiçar-se na rua ensolarada. Compra, freguês? Sabor ácido de laranja na língua. E soprando as sementes, aí! medinho de apendicite.

Outubro, 23: Os cravos no canteiro balançam as cabeças beijadas pelo vento — almas inocentes de meninas pulando amarelinha entre os túmulos?

Outubro, 24: Que sede! Pedir um copo d'água? Antes a sede e a febre, morrendo um pouco ao sol da manhã.

Outubro, 25: O céu estende as nuvens brancas molhadas de chuva no varal do jardim.

Outubro, 27: O amor é a torta especial de maçã que sirvo todo dia a você. Por mais que passem os dias, sempre resta um pedaço para amanhã. Imaginei como será meu epitáfio: Que tal esse? Aqui jazz a feia adormecida que nenhum príncipe veio acordar.

Outubro, 28: Me despi diante do espelho; beijei em delírio os braços nus. Profanando o mistério do meu corpo — qual a penitência?

Outubro, 29: Sempre sonhei no vestido róseo de musselina passear no luar. Fazê-lo hoje? Muito sono.

Outubro, 30: Gente sadia aos cochichos na sala. Não quero vê-las; refugiei-me na terra das macilentas carpideiras descalças, xale preto e pretos véus — arranhem o rosto e se descabelem pela que vai morrer.

Novembro, 1: Uma história de fadas, mãezinha, para eu dormir. Da guria que desejou tocar o arco-íris. Logo ali, no fim da rua, rentezinho ao chão. Mamãe não tá olhando, está?

*A menina correu e correu atrás das nuvens maravilhosas. Tão pertinho — e cada vez mais longe. O fim da história, qual é, mãe? Conte, por favor.*

*Novembro, 2: Confidências tão ingênuas. E na garganta o soluço teimoso do remorso. Por tudo o que não fiz.*

*Novembro, 3: Diário querido, sabe que não tenho medo, calar as vozes, ir-me. A testa em fogo, o peito em fogo — e paz no coração.*

*Novembro, 5: Vejo o mundo através deste aquário sem água — uma vidraça embaraçada por meu último suspiro.*

*Novembro, um dia: Morrer, afinal...*

*Novembro, 8: O beijo que ninguém colheu? Esse beijo é teu, Rudí.*

*Novembro, 10: Num sonho, como na vida, despertei de madrugada: todos dormiam a sono solto. Flausí-Flausí — a palavra secreta que, soprada três vezes no escuro, alcança o milagre da minha cura.*

*Novembro, 14: O padeiro virá de manhã trazendo pãozinho quente e a gorda Odete limpará o pó dos móveis e mamãe irá à missa e meninas brincarão de roda na calçada e os estudantes, às oito horas, têm os eternos cabelos desgrenhados. Que fim levou a mocinha triste na janela?*

*O padre rezará a missa, mamãe comerá o pãozinho tostado, os estudantes sairão da aula para as ruas pipilantes de gente.*

*A vidraça foi descida e a janela fechada. Que a donzela morra de amor pelo seu donzel, ó filhas de Jerusalém.*

*Novembro, 16:  
Tosse, Ana. Tosse.  
Mais sangue no lencinho.*

*Novembro, 19:  
A rosa, por favor, a rosa branca no cabelo. ■*



**Dalton Trevisan** é autor dos livros *O vampiro de Curitiba*, *A polaquinha* e *O maníaco do olho verde*, entre outros títulos. Sua obra foi traduzida para diversos idiomas, como o inglês, o espanhol e o italiano. Em 2012 Trevisan ganhou o prêmio Camões de literatura. O autor vive em Curitiba (PR).

# O gênero (quase) fora da lei

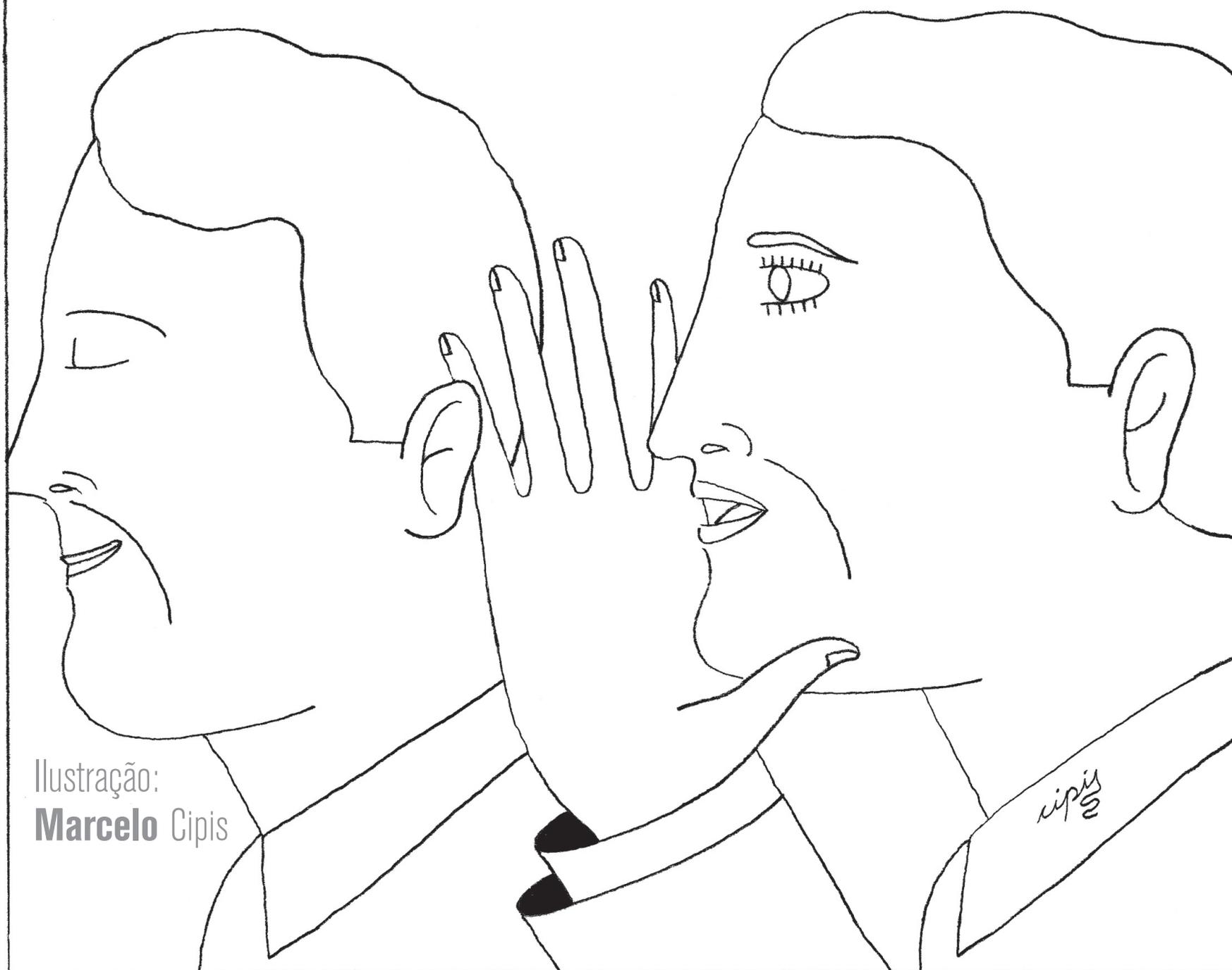


Ilustração:  
**Marcelo** Cipis

*cipis*

## Biografias são tidas como um novo fenômeno contemporâneo; no Brasil o número de publicações destinadas ao gênero cresceu cerca de 20% nos últimos três anos

MURILO BASSO

O crescente interesse do leitor brasileiro por relatos biográficos torna cada vez mais evidente o fortalecimento da biografia como gênero literário. De acordo com relatório divulgado pela Fundação Instituto de Pesquisa Econômicas (FIPE), encomendado pela Câmara Brasileira do Livro e pelo Sindicato Nacional de Editores de Livros, entre 2008 e 2011 o número de publicações do gênero aumentou cerca de 20% — em 2009, por exemplo, foram produzidos 492.497 exemplares na área biográfica.

Mesmo diante de um cenário claramente positivo, no Brasil, tornaram-se comuns casos em que biografias encontraram problemas para chegar às prateleiras. Ruy Castro, por exemplo, teve o livro *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha* impedido de circular. A lista conta ainda com biografias de nomes como Roberto Carlos, Noel Rosa, Manuel Bandeira, Pixinguinha, Guimarães Rosa, Raul Seixas e Di Cavalcanti.

### O imbróglgio

No início de abril, foi aprovada a proposta que autoriza a divulgação de imagens e informações de personalidades consideradas públicas. De acordo com o texto, passa a ser possível proteger a publicação de material referente “a personalidade cuja trajetória pessoal, artística

ou profissional tenha dimensão pública ou esteja inserida em acontecimentos de interesse da coletividade”. Dessa forma o projeto permite a publicação de biografias não autorizadas, assim como a realização de filmes que retratem a vida de personalidades públicas.

“É algo vital não apenas para escritores e editores, mas para o país”, diz a deputada Manuela D’Ávila, que desde 2011 discute a questão no Congresso Nacional. “É um absurdo que beira o surreal os protagonistas da vida brasileira terem direito à proibição. É sem precedentes. Nenhuma outra sociedade democrática tem algo parecido”, completa a parlamentar.

O texto, que já havia sido aprovado pela então Comissão de Educação e Cultura, segue agora para o Senado. As principais alterações no artigo 20 do Código Civil se referem aos quatro itens que atualmente permitem a publicação de relatos biográficos: autorização direta da pessoa exposta; necessidade da administração da Justiça; manutenção da ordem pública; ou consentimento de parente se a pessoa exposta já tiver morrido.

### História da sociedade

Para o deputado Newton Lima, autor do atual Projeto de Lei, inicialmente, o código se preocupou em fortalecer certos direitos individuais, como a privacidade, mas esqueceu de diferenciar o cidadão privado da personalidade pública, ou seja, um texto criado para proteger o cidadão comum acaba cercando o acesso à informação. “O que queremos mostrar é que, ao se escrever a biografia de um determinado personagem de nossa História, seja um político, um artista ou até mesmo um anônimo ou um homem simples do povo, o que se está escrevendo é a própria história da sociedade na qual o personagem está inserido, uma vez que não existe sujeito histórico isolado, sem uma contextualização de sua vida no espaço e tempo

históricos”, explica Newton.

Um dos casos mais emblemáticos envolve o cantor Roberto Carlos. Em janeiro de 2007, um mês após a publicação da obra *Roberto Carlos em detalhes*, de Paulo Cesar de Araújo, alegando invasão de privacidade, o cantor acusou o autor do livro cível e criminalmente. Rapidamente, Roberto ganhou uma liminar que obrigou a Editora Planeta a recolher todos os exemplares sob multa diária de R\$ 500 mil. Na audiência de conciliação, a editora optou por retirar o livro de circulação em troca da extinção do processo. Por meio de sua assessoria, a Planeta alegou que preferia não mais se manifestar sobre o caso, uma vez que na época se tratou de um episódio muito traumático para os envolvidos.

A deputada Manuela acredita que o caso é um exemplo claro de censura prévia. “Lembra as apreensões de jornais na época da ditadura. Por exemplo, hoje eu não tenho o poder de censurar previamente um jornal a partir de um texto publicado. Por que personalidades teriam esse direito?”, questiona. Segundo ela, com a aprovação da lei, biografados poderão continuar recorrendo ao judiciário, mas precisarão provar que a obra feriu algum de seus direitos. “Ninguém impede que a pessoa que se julgue prejudicada busque seus direitos. O que buscamos é corrigir injustiças como esta.”

### Identificação e emoção

Independentemente dos entraves impostos pela legislação brasileira, a biografia caminha a passos largos no mercado editorial nacional. Guilherme Fiúza, autor da biografia do humorista Bussunda e do ator Reynaldo Gianecchini, afirma que o retrato atual da expansão do gênero se deve à fácil identificação entre leitor e personagem. “É algo muito sedutor e ao mesmo tempo cômodo: você é convidado a viver a vida de outra pessoa sem correr nenhum ris-

co. O leitor vivencia o que não viveu e em uma biografia, isso se torna muito verdadeiro, afinal, imediatamente você identifica o que faria em determinada situação”, diz.

No Brasil, a popularização do gênero se intensificou na década de 1990, com a publicação de obras como *Chatô, o rei do Brasil*, biografia de Assis Chateaubriand escrita por Fernando Moraes, e *Estrela solitária — um brasileiro chamado Garrincha*, de Ruy Castro, obra vencedora o Prêmio Jabuti em 1996. A partir desse momento, o gênero se modernizou, expandindo suas possibilidades narrativas, e então a biografia passou a também pedir um olhar jornalístico, pois apenas técnicas meramente literárias não mais bastavam. “Além das técnicas de escrita, que podem incluir dotes jornalísticos ou literários, uma biografia exige uma pesquisa metódica concentrada em um personagem. Sem essa base de pesquisa, o texto por si não funciona”, analisa Jorge Caldeira, autor da biografia do empresário Mauá e do músico Noel Rosa.

Fiúza acredita que o grande trunfo da biografia moderna é atrair o interesse do leitor para a obra o mais cedo possível. “São dois fatores determinantes: linguagem e a mensagem. Então você acabará no ingrediente primordial, que é a emoção. Ao longo desse trabalho percebi que a emoção é um parâmetro quase infalível. Fala-se da emoção barata, mas é muito difícil você ter realmente emoção em cima de um fato desimportante. Os fatos realmente importantes são emocionantes. Acho que nessa linha, o legal é o narrador ser um parceiro do leitor, entregando a ele o que há de melhor na história”.

### Contexto histórico

De qualquer forma, o fundamental é que a personalidade retratada seja interessante e tenha importância histórica, com alguma influência na sociedade. “Essa

Kraw Penas



Fernando Morais e Ruy Castro, dois dos principais biógrafos brasileiros.

Divulgação



influência pode ser para o bem ou para o mal. Um ditador sanguinário, um assassino em série, enfim, figuras desse tipo também podem despertar o interesse de um escritor”, pondera Gilvan Ribeiro, autor de *Casagrande e seus demônios*, biografia do ex-jogador de futebol Walter Casagrande Jr. lançada recentemente e que está na lista dos livros mais vendidos do país.

O biógrafo também afirma que não é necessário um distanciamento entre autor e personagem retratado para a construção de um bom relato biográfico. “Em relação ao meu caso específico com o Casagrande, eu o tinha como ídolo na adolescência, algo comum entre as pessoas da minha geração por tudo o que ele representou naquela época. Atualmente, temos uma relação de amizade, fruto da convivência de tantos anos. A proximidade ajudou a entendê-lo melhor e contribuiu para o conhecimento de fatos relevantes”, completa.

Outro fator levantando é uso do gênero como elemento para retratar períodos históricos. Caldeira, através da biografia de Guilherme Pompeu de Almeida e de dados da economia e do pensamento político da época, conseguiu retratar a história de São Paulo no séc. XVII — mesmo caminho seguido em Mauá, que aproveita para traçar um perfil da economia do Brasil de Dom Pedro II. Para o autor, grandes personalidades podem ser o ponto de partida para re-

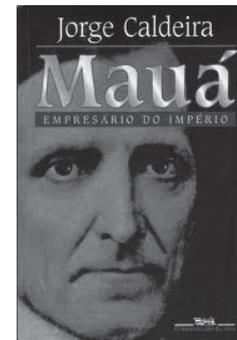
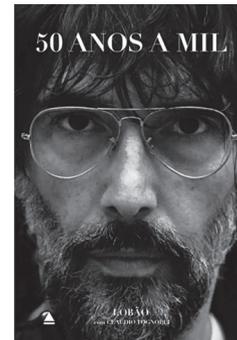
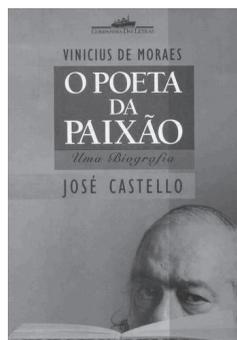
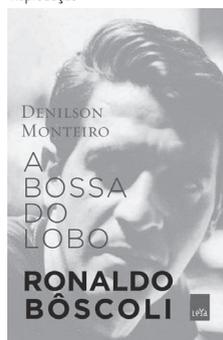
tratos de recortes de períodos históricos. “Em alguns casos como esses, a biografia realmente permite ligar um personagem a um tempo”, diz. “Quanto ao nosso presente, há uma grande dificuldade para se fazer algo nesta linha. Ainda não tenho uma ideia exata de quem seria uma figura de nosso tempo.”

### Imaginário popular

Relatos sobre a vida de grandes personagens sempre mexeram com o imaginário popular, sejam eles histórias vividas por figuras mitificadas em um passado distante ou por celebridades contemporâneas. Os primeiros grandes biógrafos, de Plutarco, no século I, a Samuel Johnson, no século XVIII, analisavam grupos específicos de acordo com sua relevância social e hierárquica, como nobres, santos e poetas. Em contextos onde a posição social era o aspecto mais relevante a qualquer indivíduo, fatos da vida privada se tornavam irrelevantes — na época, com limitado conhecimento sobre fenômenos sociais, o foco era direcionado à manifestações divinas que diferenciavam o grupo em questão e justificavam sua posição hierárquica.

Já no século XIX, com o desenvolvimento da psicanálise e consequentemente da interpretação do comportamento humano, surge uma valorização do indivíduo sobre o grupo e com isso

Reprodução



uma obrigatoriedade de detalhar todos os aspectos da vida do personagem retratado. “No mundo saxão, onde a biografia é um gênero comum, a individualidade é considerada um valor. No caso brasileiro, até pouco tempo atrás, havia uma certa prudência com relação a este valor, que agora está se dissipando”, analisa Jorge Caldeira. “Biografia é um gênero literário misto, um cruzamento entre individualidade e coletivo. Era pouco praticada em nosso país até uma década e meia atrás, deixava um enorme vazio. Mas agora este espaço está sendo ocupado”, completa.

A popularização dessas áreas de conhecimento trouxe para o senso comum uma relação de causa e consequência entre as conquistas de grandes homens e os aspectos de suas vidas. O objetivo, então, passou a ser expor os detalhes da vida privada que provocavam identificação entre leitor e biografado, como uma fonte de inspiração. Do mesmo modo, no atual contexto histórico-social caracterizado por individualidade e individualismo, a narrativa biográfica serve de ponte entre o leitor e outros indivíduos, seu universo particular e outras vidas. Por serem baseadas em fatos reais, elas conquistam um espaço de preferência entre os leitores que antes optavam por obras de ficção, o que explica a constante presença de obras biográficas entre as listas de mais vendidos.

“Biografias despertam o interesse do público pela questão histórica. Por desvendarem personagens reais e conhecidos, há uma curiosidade natural em saber mais a respeito deles. Mas esse interesse só vale para biografados com conteúdo e histórias bem contadas. Não adianta pegar qualquer celebridade e relatar uma porção de bobagens. O leitor não é burro”, conclui Gilvan . ■

## Música para ler

DA REDAÇÃO

Se as biografias se inserem como um gênero forte no mercado editorial, há um subgênero que também ganha cada vez mais força. São as biografias e autobiografias de músicos, movimentos musicais e celebridades instantâneas do *show business*. Nesse nicho musical, cabe quase tudo: desde livros sobre a vida de Justin Bieber — há sete biografias sobre o astro mirim disponíveis no site da *Amazon* — até coleções importantes que resgatam grandes nomes da música brasileira, como “Ouvindo Musical”, coordenada pelo jornalista e pesquisador Târik de Souza para a Editora 34. Ao todo, desde a metade dos anos 1990, foram lançados 25 títulos na coleção. A editora ainda lançou outros 20 livros, em separado, sobre os mais diferentes períodos da nossa música. Obras que compõem um painel amplo de nossa produção musical, com retratos inteligentes de figuras ímpares como Mario Reis e Jackson do Pandeiro.

E, aos poucos, as grandes figuras da música brasileira vão tendo suas vidas contadas em livros que, quase sempre, se tornam um êxito editorial. *Vale tudo — O som e a fúria de Tim Maia*, escrita por Nelson Motta, segundo a Editora Objetiva, vendeu 130 mil exemplares desde que foi lançada, em 2007. *Chega de Saudade e Estrela Solitária*, ambos de Ruy Castro, passaram a casa dos 80 mil livros vendidos.

*Dias de luta*, escrito pelo ex-editor da revista *Bizz* Ricardo

Alexandre, estava há anos fora de catálogo e chegava a ser vendido por até R\$ 500 em sebos do país. O livro, que faz um recorte biográfico da cena de *rock* brasileiro nos anos 1980, acaba de ganhar nova edição, revista e ampliada pelo autor.

### E o rock and roll, Brasil?

E, se o mercado fonográfico se dissolveu, não poucos músicos que futuravam nas décadas de 1980 e 1990 agora tentam recheiar a conta corrente com dinheiro a partir de livros com viés biográficos. Humberto Gessinger, dos Engenheiros do Hawaii, já escreveu e publicou cinco obras, como *Pra ser sincero*, *Mapas do acaso* e *Nas entrelinhas do horizonte*, nas quais vale quase tudo, como incluir letras de canções, diário de viagem e fragmentos do percurso artístico. Os fãs gostam. Os detratores, nem tanto — mas os adversários de Gessinger nunca engoliram nada que ele fez, nem as músicas.

O ex-vocalista do Ira!, Nasi Valadão, lavou a roupa suja em público com o livro *A ira de Nasi*, que conta com a ajuda de dois jornalistas, os reais autores da obra: Mauro Beting e Alexandre Petillo. Nas 320 páginas, o *rockstar* barraqueiro revela detalhes dos 26 anos em que esteve na banda, incluindo a sua relação com drogas e o conflito com Edgard Scandurra — o que colocou um ponto final na cultuada banda.

Evidentemente que esses livros, tanto de Gessinger como Nasi, apresentem textos menos refinados do que o leitor pode encontrar nas biografias assinadas por Ruy Castro e Fernando Morais, além de recortes mais tendenciosos (para o ponto de vista do autor) e com menos páginas e profundidade. São, enfim, variações do fenômeno das biografias. É o vale tudo do mercado editorial brasileiro. ■



CARLOS CALADO

A DIVINA COMÉDIA DOS MUTANTES

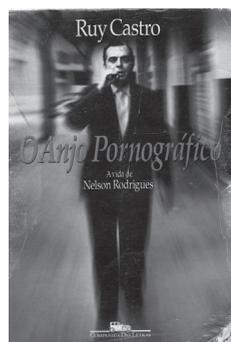
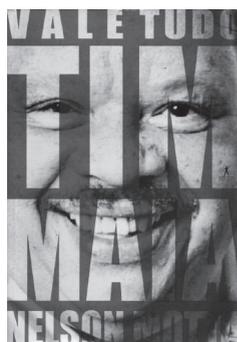
editora 34



CARLOS CALADO

TROPICÁLIA  
A HISTÓRIA  
DE UMA REVOLUÇÃO MUSICAL

editora 34



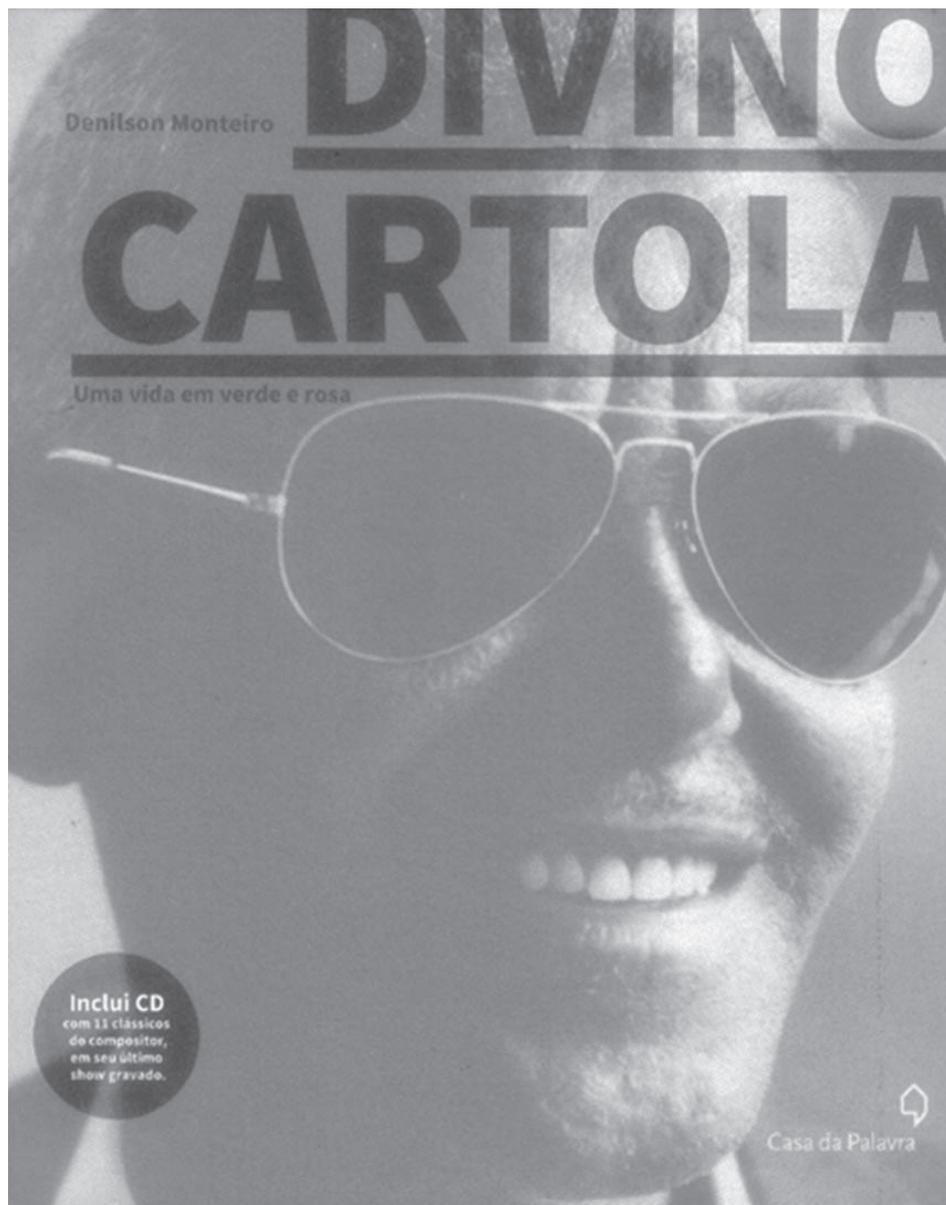
# Escrevendo histórias reais

Autor das biografias de Carlos Imperial e Ronaldo Bôscoli, **Denilson Monteiro** descreve como se tornou um biógrafo e de que maneira escolhe e trabalha os seus personagens

## O começo

Lembro perfeitamente da manhã de 2001, quando João Pedro ligou de seu emprego, o arquivo do *Jornal do Brasil*, me convidando para uma visita ao prédio da Avenida Brasil, número 500. Havia encontrado a pasta sobre o compositor Carlos Imperial e queria que eu a visse. Durante anos eu comentei com ele e outros amigos sobre as aventuras do Gordo, dizendo que elas mereciam estar em um livro como os de Ruy Castro e Fernando Morais. Fui ao encontro do meu camarada e fiquei maravilhado com os recortes relatando fatos que ao longo da minha vida ouvi Imperial contar no rádio e na TV. João insistiu para que eu mesmo escrevesse o livro pelo qual esperava, coisa que me apavorou. Até aquele momento só havia escrito redações de colégio e textos para concursos de um jornal do qual era assinante — ganhei brindes muito bons: camisetas, um boné, CDs, e até um pôster





do filme *Abril despedaçado* com autógrafa do ator Rodrigo Santoro.

Depois de um ano de indecisão e procura, consegui entrar em contato com os filhos do Imperial, que receberam com entusiasmo a ideia de uma biografia sobre o pai. Novamente com a ajuda de João Pedro, comecei a lidar com as máquinas de microfilme da Biblioteca Nacional, revistas e jornais antigos e filmes e discos da época do “rei da pilantragem”, como Imperial ficou conhecido. Também precisei fazer entrevistas com aqueles que conviveram com meu biografado, artistas que via desde que me entendia por gente. Eu, um tímido com receio até de falar ao telefone, precisei vencer minhas inibições e, munido de um gravador emprestado, desatei a fazer perguntas a gente como Erasmo Carlos, Paulo Silvino, Agildo Ribeiro e Nelson Motta.

Para encurtar a história, após seis anos de trabalho árduo, o livro foi lançado, resultando em alguns cabelos brancos, mas também em alegrias, como ouvir daqueles que conheceram Imperial que ele era realmente como eu o descrevera e descobrir que era um escritor.

### Quando surge o personagem

Não posso considerar que houve a escolha pelo personagem no meu primeiro livro, pois o mais correto seria dizer que foi Carlos Imperial quem me escolheu. Já no segundo, após dois meses do lançamento de *Dez, nota dez! Eu sou Carlos Imperial*, decidi que precisava o mais depressa possível voltar à labuta e provar que não era “galinha de um ovo só”. Ronaldo Bôscoli, que durante as pesquisas foi várias vezes citado por meus entrevistados, surgiu como opção, escolha sacramentada após assistir ao ator Mateus Solano dando vida

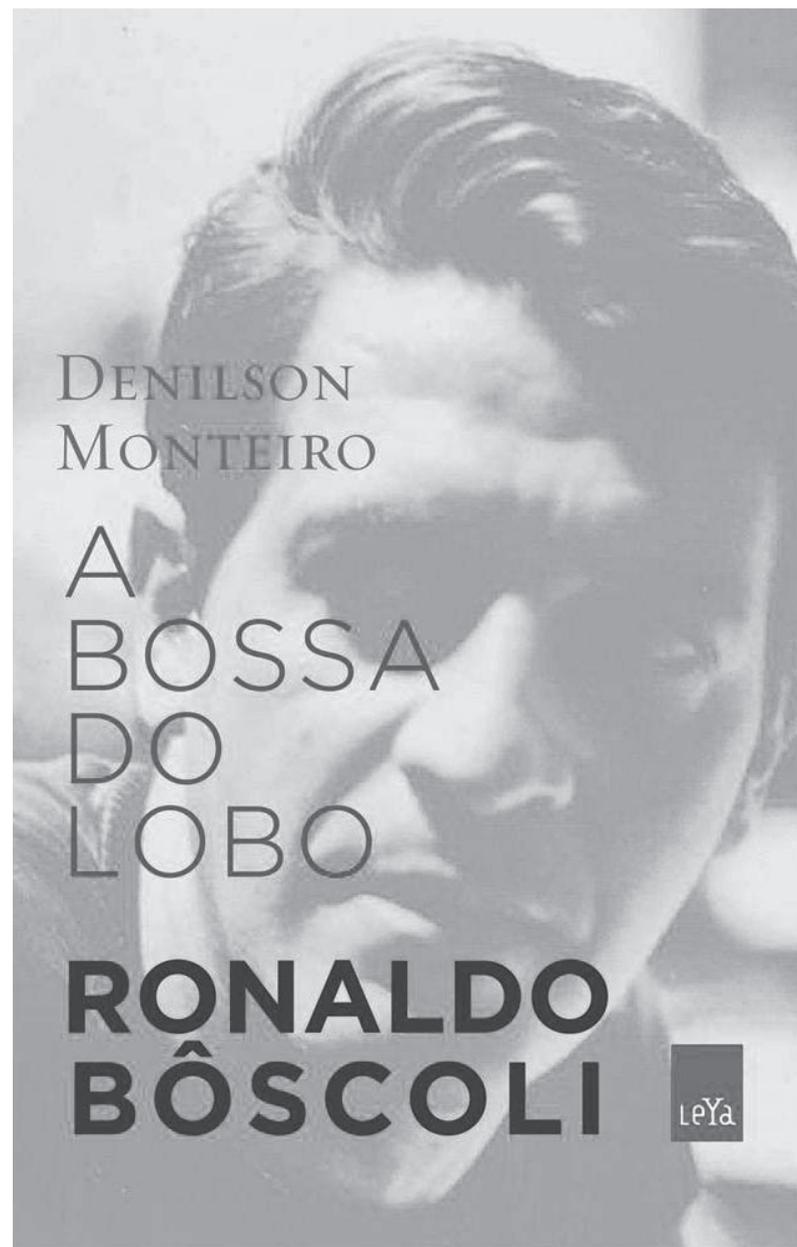
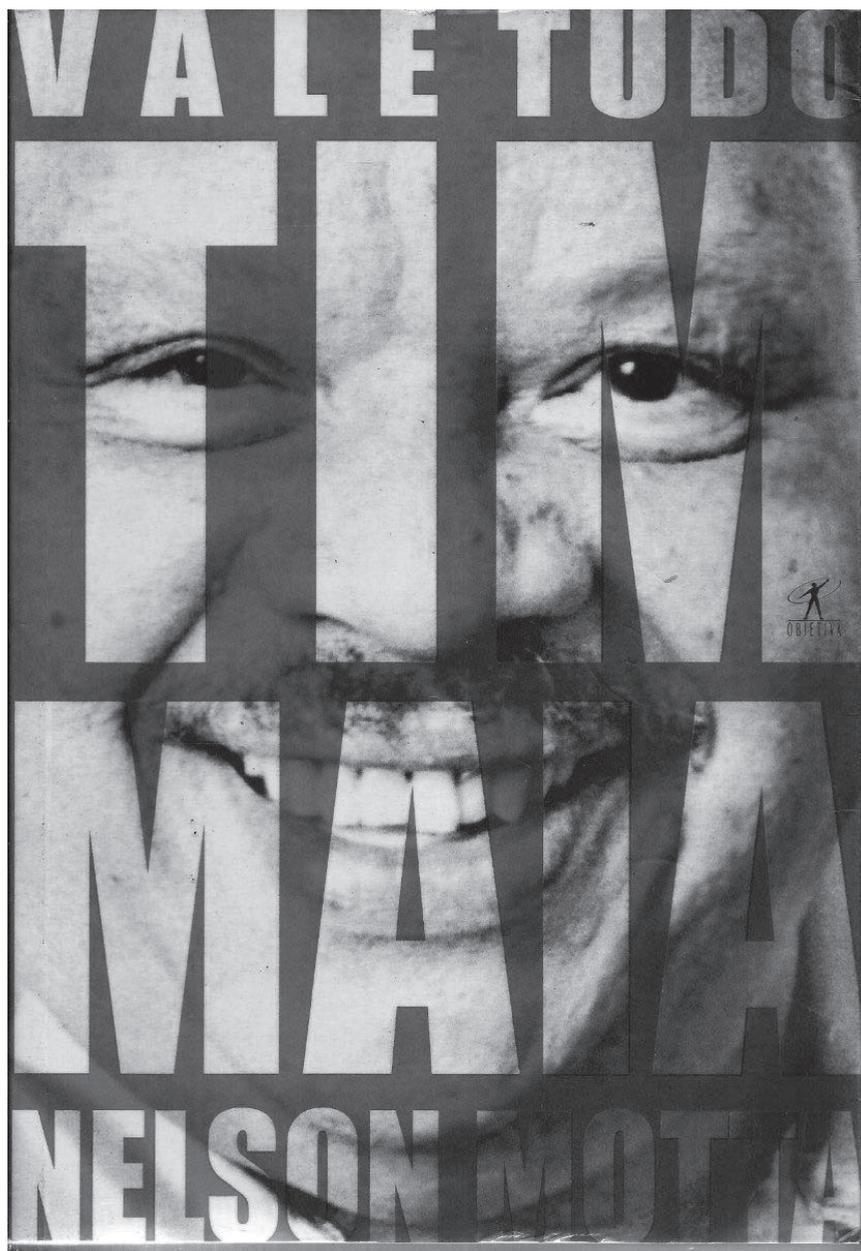
ao Lobo Bôscoli na minissérie “Maysa, quando fala o coração”.

Como havia feito anteriormente, procurei os herdeiros do meu novo biografado, recebendo resposta positiva deles. Embora seja defensor do direito de se publicar biografias não-autorizadas, a ideia de não contar com a colaboração do biografado ou de sua família é algo que não me deixa confortável. Como prescindir de importantes detalhes dos primeiros anos de vida do meu personagem que só ele ou seus familiares poderiam fornecer? Teria a sensação de um trabalho feito pela metade. Mas é claro que há sempre um *Roberto Carlos em detalhes* para provar que mesmo sem essa colaboração é possível fazer um belo livro.

Nunca passei pela experiência de escrever sobre um personagem do qual não gostasse. Carlos Imperial, Bôscoli e Cartola, os três livros que lancei, são figuras que admirava, mesmo caso de Tim Maia, de quem não escrevi o livro, mas participei da pesquisa. Entretanto, vale ressaltar que ao escrever, um autor deve evitar o maniqueísmo, retratando a luz e a sombra do biografado. Sempre tomando cuidado para fazer isso com o devido equilíbrio, sem canonizar ou demonizar.

Ao decidir contar a história de um personagem, um dos problemas é saber se isso irá sensibilizar as editoras. Muitas vezes um artista tem momentos interessantíssimos em sua vida, mas sua carreira não ter obtido o merecido sucesso, pode não ser considerado um “produto vendável”. Afinal, editoras vivem de vender livros e empregar seus recursos em um negócio que pode dar prejuízo é a última coisa que desejam. Mas se o autor acredita que essa é a missão da sua vida, deve arregaçar as mangas e encarar o mundo.

O livro que Nelson Motta escreveu sobre Tim Maia foi um sucesso editorial e teve a mão de Monteiro, que ajudou na pesquisa.



**Pesquisa ou obsessão?**  
O meu ponto de partida ao iniciar a pesquisa continua o mesmo desde o início, a consulta aos dossiês em arquivos de jornais, bibliotecas e museus. É a partir desse material que se vai tendo uma primeira visão do trabalho, prestando muita atenção a cada fato e nome presente em cada matéria de revista ou jornal. E nos últimos

tempos, na internet podem ser encontradas páginas com o acervo de importantes jornais, o que torna mais fácil o acesso a essas preciosas informações.

Nenhuma fonte de consulta pode ser desprezada. Até um livro com receitas médicas pode ser útil na hora de descrever o tratamento do personagem para algum mal que tenha sofrido. Uma fotografia pode ser a prova para a

presença do personagem em determinado lugar em determinada época. As fichas técnicas dos discos com nomes de músicos e técnicos de som que participaram de uma gravação oferecem uma infinidade de informações.

**Frente a frente com uma fonte**

A fonte primária, aquela que conviveu com o biografado, é o que dá

O principal trabalho de Monteiro, a biografia de Ronaldo Bôscoli.

o principal sabor a um livro. Um entrevistado pode revelar importantes detalhes sobre o personagem, as expressões que usava, os trejeitos e até a marca favorita de uísque. E para encontrar um entrevistado não se deve medir esforços. Numa ocasião, passei semanas ligando para todos os Alberto de Castro existente na Lista Telefônica do Rio de Janeiro até descobrir o amigo de juventude de Carlos Imperial, que morava num bairro próximo ao meu.

Durante uma entrevista, é indispensável conquistar a confiança do entrevistado, indo ao encontro dele sabendo muito bem o que deseja. Se for um artista, conhecer seu trabalho já é meio caminho andado para isso, pois demonstra seriedade e gera simpatia. Entretanto, é preciso cautela na hora de aproveitar o que é dito durante a entrevista, pois muitas vezes a memória falha e uma informação dada pode não ser exatamente como foi dita. Checar todas as informações dadas é fundamental, pois caso um erro seja publicado, o açoitado dos leitores o espera. Nas biografias não vale a frase do filme de John Ford tão usada atualmente, o “imprima-se a lenda”, apenas a verdade interessa.

### **O principal desafio: escrever**

No entanto, todo esse trabalho será em vão se não parar no papel. Há pesquisadores que realizam uma admirável pesquisa, mas no momento de transformá-la em livro, passam por um bloqueio criativo e não conseguem dar forma literária a tudo o que conseguiram apurar. “Escrever é um sofrimento”, ouvi de dois autores em diferentes conversas, coisa que não deixa de ser verdade. Geralmente, leva-se horas para se conseguir escrever um único parágrafo, que na leitura do dia seguinte

vai sofrer alguma mudança.

Ler é o melhor caminho para se escrever. Os livros de Fernando Moraes e Ruy Castro, citados anteriormente, foram fontes de inspiração no gênero ao qual me dedico. Os de Monteiro Lobato e Paulo Setúbal também. E minha técnica na escrita, aquela que trago desde a infância, é contar histórias como um filme que acabei de assistir, fazendo do leitor o meu ouvinte. Também procuro viver o que estou escrevendo, me transportar para o local que estou descrevendo, tornando-me um espectador do fato narrado. É algo que me leva a tratar meus personagens como figuras que realmente conheci. Já me peguei no supermercado comentando com minha esposa sobre certo tipo de comida apreciada por Ronaldo Bôscoli como se falasse de um velho conhecido.

### **Enfim, um livro pronto**

Depois de horas de sono perdidas martelando o teclado do computador, quilômetros percorridos atrás de um entrevistado, muitas canecas de café, chega-se ao tão desejado ponto final. E aí vem a hora de entregar originais à editora que abraçou a ideia de publicar a vida do teu personagem. Revisões, aprovação da capa, primeiro exemplar entregue pelo correio, comemoração com a mulher e o filho que suportaram todo esse tempo de obsessão, lançamento, corrida por divulgação, torcida pela resposta positiva de público e crítica, e o pensamento: “Qual será o próximo?”. ■



**Denilson Monteiro** é autor de *Dez, nota dez! Eu sou Carlos Imperial, A bossa do lobo: Ronaldo Bôscoli e Divino Cartola, uma vida em verde e rosa*. Também foi o responsável pelas pesquisas de texto e imagem de *Vale tudo, o som e a fúria de Tim Maia* (2007), biografia do cantor Tim Maia, escrita por Nelson Motta. Atualmente, pesquisa as vidas do produtor musical Tom Capone e do locutor César Ladeira. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

# Os desafios de um biógrafo

Acadêmicos apontam quais os principais qualidades e defeitos de uma obra biográfica, incluindo a necessidade de o autor ter consciência de tomar partido para elogiar ou não o seu personagem

Ilustração:  
**Marcelo** Cipis



MARCIO RENATO DOS SANTOS

Uma biografia não dá conta de toda uma vida. Nunca. Mesmo que a obra seja anunciada como definitiva pela editora, pelo autor ou por resenhas publicadas em jornais e revistas. Quem chama atenção para o fato é o professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) Alexandre de Sá Avelar. Ele lembra que o intelectual francês François Dosse, no livro *O desafio biográfico*, afirma que um dos perigos para o biógrafo é achar-se no controle do seu personagem, ou seja, acreditar ter reunido uma quantidade tamanha de documentos que permita a total compreensão da vida do seu biografado.

Doutor em História e leitor de biografias, Avelar observa que um detalhe desviante, uma descontinuidade descoberta e toda a segurança do biógrafo pode desmoronar. “Isso vai ao encontro de um outro problema conhecido: aquele, para usar os termos de Pierre Bourdieu, da ‘ilusão biográfica’, ou seja, a crença de que a trajetória pode se constituir em um todo coerente, no qual os rumos da vida adulta já poderiam ser percebidos nas manifestações mais remotas da infância do personagem”, diz o historiador, comentando que muitas biografias foram pensadas desta forma e isso é, de fato, um grave equívoco, pois supõe a inexistência do acaso, do contingente e da descontinuidade que marca toda existência individual.

Não apenas o desprezo pelo acaso, citado por Avelar, mas outros problemas, como a falta de aprofundamento

na pesquisa e o desleixo com o texto final, podem comprometer uma biografia. A professora livre-docente do departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP) Angela Alonso analisa que o principal erro que um biógrafo pode cometer é a busca pela hagiografia, ou seja, a tentativa de apresentar o seu personagem como perfeito, sem falhas de caráter e sem erros de conduta. “A boa biografia, ao contrário, é a que humaniza a figura, que dá sua condição humana, imperfeita, com as suas mesquinhas”, completa Angela, que também é diretora científica do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap).

A biografia é — na definição de Angela — um gênero da maturidade. Afinal, argumenta a estudiosa, é raro encontrar uma boa biografia produzida por um iniciante. “Porque, para elaborar uma obra consistente, é preciso dominar muitos elementos: a história cultural, econômica e política do período, o modo de viver, sentir e pensar de uma época, e conhecer a fundo outros personagens intervenientes, para poder aqulatar bem a relação do biografado com eles. Assimilar tudo isso devidamente demanda muito tempo e requer imersão prolongada”, argumenta Angela.

Ela é autora de *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas*. Antes de escrever a obra, a professora da USP diz ter feito um esforço sistemático de leitura de diferentes tipos de biografia e, então, privilegiou as que trabalhavam com o mesmo período histórico que ela, o século XIX. Angela tomou como modelo *Mo-*

*zart, biografia de um gênio*, de Norbert Elias. “De onde me vieram o fio do livro — a ideia do Nabuco como uma figura de transição entre a sociedade aristocrática e a moderna — e a eleição da correspondência privada como material principal”, conta a biógrafa.

### Parti pris: tendência mundial

O *parti pris* do autor, a opinião assumida antecipadamente, é fundamental para entender uma biografia. Quem afirma é a doutora em Sociologia pela Universidade de Paris e professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Ligia Maria Leite Pereira. “É importante perceber se a obra é de admiração ou não”, opina Ligia, que acrescenta: “Provavelmente nunca alguém escreveu sobre a vida de outro homem com o puro objetivo de ‘conhecimento’”.

A favor ou aparentemente imparcial, como a maior parte das obras são apresentadas — e raramente “do contra” — as biografias fazem volume no mercado editorial brasileiro e, em meio às gôndolas e prateleiras das livrarias, Angela Alonso identifica duas vertentes principais.

A primeira é representada por jornalistas que passaram a fazer biografias a partir de uma pegada meio psicologizante, com linguagem sintonizada à escrita de revistas ou no modelo do jornalismo literário norte-americano. O outro tipo, no qual ela se inclui, diz respeito a obras biográficas produzidas por acadêmicos ou profissionais especializados em um assunto, que

“O ‘retorno do sujeito’ se deu após longo domínio de uma concepção de História que, movida por incontornáveis forças estruturais, se fazia a despeito dos homens. O ‘fenômeno’ das biografias relaciona-se à visão de que o homem pode, enfim, fazer a sua própria história, ainda que dentro dos limites dados pelo contexto social onde vive.”

**Ligia Maria Leite Pereira**, professora da UFMG.

procuram traduzir a pesquisa e o discurso eruditos para o público de não especialistas. “Esse segundo tipo tende a ser superior em densidade analítica, mas o primeiro (o jornalístico) costuma ser de leitura mais fluente e agradável”, analisa Angela.

Além das duas vertentes citadas por Angela, Ligia Maria Leite Pereira observa que existem outros tipos de biografia. “As possibilidades variam desde a situação em que as biografias servem unicamente para ilustrar formas típicas de comportamento, até os casos em que a narrativa de uma trajetória de vida se faz sem referência ao contexto histórico, como foi tão usual no passado”, diz a pesquisadora mineira.

Ligia, uma das fundadoras do Núcleo de História Oral da UFMG, acredita que a ascensão da biografia — no contexto editorial — em tempos recentes coincide com a revalorização da história oral enquanto fonte, método e técnica de pesquisa. E, no entendimento da estudiosa, o fenômeno não se restringe ao Brasil — é uma tendência mundial.

Esse interesse por trajetórias individuais não é obra do acaso. “O ‘retorno do sujeito’ se deu após longo domínio de uma concepção de História que, movida por incontornáveis forças estruturais, se fazia a despeito dos homens. O ‘fenômeno’ das biografias relaciona-se à visão de que o homem pode, enfim, fazer a sua própria história, ainda que dentro dos limites dados pelo contexto social onde vive”, diz Ligia. ■

“A boa biografia é a que humaniza a figura, que dá sua condição humana, imperfeita, com as suas mesquinhas.”

**Angela Alonso**, professora da USP.



# Jornalismo selvagem em busca do sonho americano

*Medo e delírio em Las Vegas* nasceu de uma encomenda jornalística a Hunter S. Thompson, que tratou de tornar a matéria uma obra-prima, forjando um estilo até então inédito de narrar



LUIZ REBINSKI JUNIOR

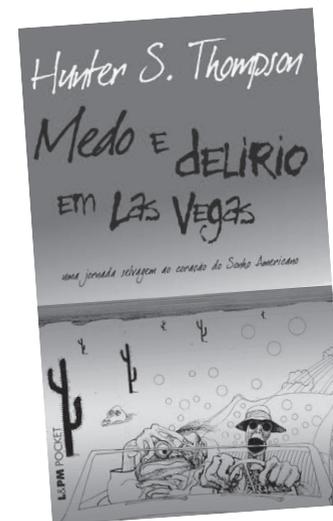
Poucos escritores do século XX foram tão inseparáveis de suas próprias histórias quanto Hunter S. Thompson. E esse traço fez do escritor americano um ícone da contracultura, mas, também, certamente foi seu gênio indomável que o levou a dar um tiro na própria cabeça, aos 64 anos, em fevereiro do 2005.

*Medo e delírio em Las Vegas* — uma jornada selvagem ao coração do sonho

*americano*, seu trabalho mais conhecido, tornou-se um marco, uma obra que definiu um estilo de narrar. Repórter autodidata, Thompson começou a trabalhar em jornais e revistas obscuras no final dos anos 1960, quando imprimiu um estilo inesperado de jornalismo, fundido informações verídicas, fruto de apuração jornalística, com digressões ocasionadas pelo uso de entorpecentes e álcool. O resultado disso ele chamou de “jornalismo gonzo”. E *Medo e delírio em Las Vegas* é considerado o produ-

to mais bem-sucedido desse jeito até então singular de narrar.

O livro surgiu de uma reportagem, publicada em duas edições consecutivas da revista *Rolling Stone* em novembro de 1971. Mas, ao contrário do que a geração *beat* fez muita gente acreditar, a prosa “livre” de obras como *On the road*, um dos livros que influenciou Thompson, não era criada como um jorro. Havia muito trabalho na confecção do texto. Com *Medo e delírio* aconteceu o mesmo. Thompson trabalhou na



## MAKING OF

reportagem mais de seis meses, burilando cuidadosamente a loucura do texto.

O escritor já havia publicado na *Rolling Stone* uma narrativa sobre sua campanha política em Aspen — Thompson se candidatou a xerife da cidade e organizou um novo partido, chamado Freak Party (Partido Esquisito), perdendo a votação por porcentagem mínima. O estilo de Thompson fez sucesso e a revista lhe encomendou outro trabalho, dessa vez para cobrir a convenção da polícia em Las Vegas. Coincidentemente, a *Sports Illustrated* o contratou para visitar a mesma cidade e escrever pequenos textos para as legendas das fotos da Mint 400, tradicional corrida no deserto de Nevada. Thompson levou consigo o amigo Oscar Zeta Acosta. A empreitada já é surreal por si só: Thompson, um defensor e consumidor de todo e qualquer tipo de drogas, indo cobrir uma convenção antinarcóticos. Para a missão, o escritor munuiu seu conversível vermelho com 75 bolinhas de mesalina, cinco folhas de ácido de alta concentração, estimulantes, tranquilizantes, um litro de tequila e outro de rum. Em *Medo e delírio em Las Vegas* Oscar Acosta é descrito como um advogado *junkie* samoano com instintos assassinos. Thompson é representado por Raoul Duke, seu alter ego.

### Influências

A influência de Jack Kerouac no modo como Thompson narra as aventuras ao lado de seu parceiro fica evidente desde o primeiro parágrafo. Além disso, a pegada “pé na estrada” dá o tom do livro, cuja narrativa, em grande parte, se dá com os personagens transitando no poderoso Chevrolet conversível de Duke. “Estávamos em algum lugar perto de Barstow, à beira do deserto, quando as drogas começaram a fazer efeito. Lembro que falei algo como ‘estou meio tonto: acho melhor você dirigir...’ E de repente fomos cercados por um rugido terrível, o céu se

encheu de algo que pareciam morcegos, imensos, descendo, guinchando e mergulhando ao redor do carro, que avançava até Las Vegas a uns 160 por hora, com capota abaixada”, descreve assim Thompson o começo de sua viagem.

Identificado com o *new journalism* de escritores como Truman Capote e Tom Wolfe, no entanto, Thompson trazia ao seu texto uma anarquia que fugia do refinamento dos jornalistas que publicavam seus trabalhos na revista *New Yorker*, o altar desse tipo de escrita. “Wolfe costumava dizer que, no *new journalism*, o repórter era como uma mosca pousada numa parede, captando todos os detalhes do ambiente, as minúcias do personagem, os detalhes da ação. No gonzo jornalismo, essa mosca também tem uma consciência, e ela reflete sobre o que ela vê, e ela se intromete nesta realidade”, explica André Czarnobai, que conheceu a obra de Thompson por intermédio de Daniel Pellizari, escritor gaúcho que viria a traduzir para o português os livros do autor americano.

“Eu o classificaria, nas palavras de Truman Capote, como um romance de não-ficção, já que quase todo ele é verdade ou *de fato* aconteceu. Distorcei algumas coisas, mas foi um retrato bem fidedigno. Foi uma incrível façanha de equilíbrio, mais que de literatura. Foi por isso que chamei de *Medo e delírio*. É tão bom quanto *O grande Gatsby* e melhor que *O sol se levanta*”, assim Thompson descreveu seu principal livro em *Reino do medo*, coletânea que traz textos autobiográficos e de memória.

Thompson introduz sua própria personalidade nos artigos, de maneira que o narrador, o fio da história e seu autor de verdade fossem um só. Mathew Shirts é fã de longa data de Thompson. Devorou com imenso prazer *Fear and Loathing on the Campaign Trail*, sobre a campanha presidencial americana de 1972 ainda na adolescência. Shirts acha que a força de *Medo e delírio em Las Ve-*



Hunter Thompson trabalhando com a mulher na cozinha de sua casa.

*gas* está, como em quase toda a obra de Thompson, na narrativa dos personagens, ou seja, no próprio autor. “O importante é a introdução de um narrador pouco confiável num texto jornalístico. Acho que foi a primeira vez. É uma técnica conhecida na ficção, utilizada, entre outros, por Machado de Assis em *Memórias póstumas de Brás Cubas*”, diz o editor da versão brasileira da *National Geographic*.

Mas o medo e o delírio sobre os quais Thompson escreve não eram só dele. E estão associados à desilusão, a sensação que nos atormenta depois do revés de um sonho que no fim não passou de uma alucinação. O livro foi escrito e publicado durante o governo de Richard Nixon, o único presidente dos Estados Unidos a renunciar, e a Gerra do Vietnã, conflito que reverberou como poucos na sociedade e cultura norte-americana. “Basicamente ele constata que o sonho americano é realmente um sonho, um horizonte inatingível, uma ilusão. Uma cenoura presa numa corda para fazer o cavalo correr. Ao retratar uma sociedade mergulhan-

do cada vez mais no capitalismo selvagem, um povo preso às drogas e às paranoias, escravizado pelos esportes e ainda sentindo os impactos da guerra, ele afirma que as revoluções da década de sessenta fracassaram, e que o futuro que se desenha para os Estados Unidos é negro e sombrio”, opina Czarnobai.

Depois de *Medo e delírio em Las Vegas*, Thompson se utilizou da mesma “pegada” narrativa para escrever mais de dez livros ao longo de sua carreira, quase todos de reportagens alucinadas que realizou como correspondente dos mais variados jornais e revistas dos Estados Unidos. Esteve no Vietnã, Cuba e Granada, entre outros locais instáveis do globo. *Medo e delírio em Las Vegas* teve carreira igualmente turbulenta e de sucesso. Em 1998 o livro foi parar nas telas de cinema pelas mãos de Terry Gilliam e com Johnny Depp fazendo o papel principal. A produção custou mais de US\$ 18 milhões, mas arrecadou apenas US\$ 10 milhões. Apesar do fracasso, o filme se tornou *cult*, assim como tudo que leva a marca do Gonzo maior. ■

## RETRATO DE UM ARTISTA | JOSÉ RUBEM FONSECA

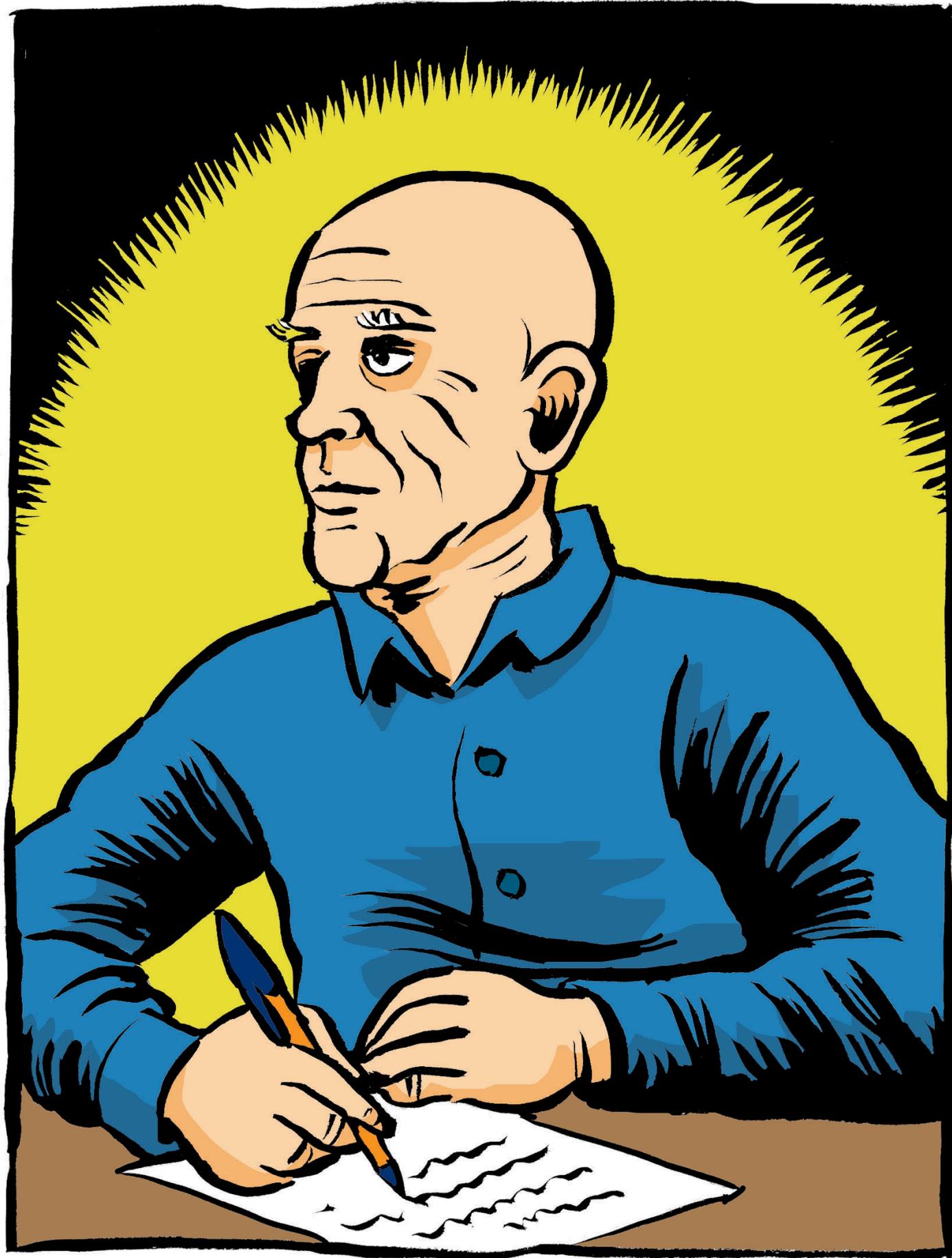
### JOSÉ RUBEM FONSECA

Por **Caeto** Melo

**José Rubem Fonseca** nasceu em Juiz de Fora, MG, em 1925. Exímio retratista da vida nos grandes centros urbanos, sua narrativa é marcada pela agilidade, erotismo e pela violência contida nas tragédias humanas que enxergava por detrás dos casos que presenciou quando trabalhou como comissário de polícia. Rubem Fonseca é tido como expoente da geração de contistas brasileiros da década de 1970 e uma das maiores influências na produção literária contemporânea do país. Entre suas obras mais importantes, estão *Feliz ano novo* (1975), *O cobrador* (1979), *Agosto* (1990) e *A grande arte* (1983).



**Caeto Melo** é autor da HQ *Memória de elefante*. Vive em Bragança Paulista (SP).





**Henrique Rodrigues** é autor do livro de poemas *A musa diluída* e da obra infantil *Alho por alho, dente por dente*. Mestre e doutorando em Literatura pela PUC-Rio, trabalha na coordenação de programas de educação e cultura no Oi Futuro. Organizou a antologia *Como se não houvesse amanhã: 20 contos inspirados nas músicas da Legião Urbana*. Nasceu e vive no Rio de Janeiro (RJ).